

Luis Paulo Neves

SIGNO DUAL:

Leitura Semiótica

de uma realidade de favela



LUÍS PAULO NEVES

SIGNO DUAL:

**LEITURA SEMIÓTICA
DE UMA REALIDADE DE FAVELA**



55

CLASS: 301.246
N 518 s
TOMBO: Trs 848

FFC

SVE

LUÍS PAULO NEVES



SIGNO DUAL:

**LEITURA SEMIÓTICA
DE UMA REALIDADE DE FAVELA**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de Marília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Lauro Frederico Barbosa da Silveira

1410000848



Marília

1998

Dedico,

*às mulheres da Comunidade Sagrado
Coração de Jesus:
tão fortes, tão frágeis...
acima de tudo, mulheres!*

*aos meus pais, por terem me dado a vida
e terem feito de mim o que sou;*

*in memoriam:
à minha avó Conceição, por ter me ensinado
a delicada arte do respeito;*

*a você, Lauro:
mais que um orientador,
percorreu os corredores da favela comigo.*

Agradeço,

à minha família, por ter compreendido minha necessidade de espaço e de tranquilidade; principalmente minha mãe, que fez tudo para que eu pudesse dedicar-me só ao meu trabalho, e meu irmão, Júlio César, que me socorreu quando meu domínio da informática não foi suficiente;

ao Fernando, querido e fiel amigo de todas as horas;

à Vera e à Maria do Carmo, por partilharem comigo os momentos de festa, de tristeza, de incertezas...

aos professores Mauro Cherobim e Célia Tolentino, por suas imprescindíveis contribuições nos diálogos críticos;

à Cirene, psicóloga e amiga, pelo interesse e pela disponibilidade para o diálogo;

ao Jefferson, pela preciosa ajuda na tradução do abstract;

à Maria Inês, Wilma e Edna, funcionárias da Pós-graduação: não pouparam simpatia e competência no desempenho de suas funções;

ao CNPq, pela imprescindível ajuda financeira.

*Todos no mundo reconhecem o belo como o Belo
e, desta forma, sabem o que é o Feio.
Todos no mundo reconhecem o bem como o Bem
e, desta forma, sabem o que é o Mal.
Assim o ser e o não-ser geram-se mutuamente.
O longo e o curto se delimitam
O alto e o baixo se inclinam
O tom e o som se harmonizam
O antes e o depois seguem-se um ao outro.*

LAO TSÉ, *Tao Te Ching (II)*.



RESUMO

A Semiótica, por seu caráter descritivo, proporcionou o instrumental necessário para a compreensão da realidade de favela discutida nesta pesquisa: os dados apreendidos são signos que apontam para uma interpretação da conduta, sendo esta interpretação a manifestada pelos próprios indivíduos pesquisados. Conhecer uma tal interpretação é etapa fundamental anterior a qualquer atividade educativa. A pesquisa de campo foi, então, direcionada para o Grupo de Mulheres que se reunia regularmente naquela favela: procurar conhecer essa parcela da população para obter indícios da conduta dos demais indivíduos. Através da observação direta, a pesquisa primou por uma convivência junto a essas pessoas que, espontaneamente, revelasse suas peculiaridades, aquilo que as caracteriza como um *outro*. Os resultados obtidos nos conduziram a pensar que há nesta realidade de favela o predomínio da categoria peirceana de segundidade, o que significa relações marcadas por uma ausência de mediações, ou seja, relações brutas, de ação-reação, de troca, de interesse enfim. A pesquisa surpreendeu, ainda, pela convergência de suas conclusões com as de uma outra realizada pelo antropólogo Oscar Lewis, em relação ao seu conceito de “Cultura da Pobreza”.

Palavras-chave: Semiótica, categorias da experiência, segundidade, cultura da pobreza.

ABSTRACT

Semiotics provided a indispensable tool to this research in regard of its characteristic descriptive, for understanding the reality of the slum here considered. The apprehended data are signs that point to a interpretation of the procedure manifested by the individuals inquired. Knowing such interpretation, it was a primordial step before any educative activity. The field research has been directed to a Women Group who got together in that slum regularly. The aim was to understand that portion of population for getting indicia of the other individuals' procedures. Through direct observation , this research has given more attention to live together with those people who spontaneously show their own peculiarity, specific trait which individualize them as another one. Results achieved in that slum conducted us to think about the presence of the predominance of Peircean Category of secondness, namely, brute-relations, action-reaction, trade, profit, and so forth. Besides, this reseach has astonished us for converging its conclusions to another one realized by the anthropologist Oscar Lewis, according to his concept of "Poverty Culture".

KEYWORDS: Semiotics, category of experiences, secondness, poverty culture.

ÍNDICE

PRIMEIRAS PALAVRAS.....	09
1- Introdução.....	10
2 - Por que a Semiótica.....	13
3 - A pesquisa de campo.....	17
I - CONHECENDO A REALIDADE PESQUISADA.....	26
I.1 - Contextualização.....	27
I.2 - O Grupo de Mulheres.....	31
I.3 - Composição atual do Grupo de Mulheres.....	36
II - COM A PALAVRA A SEMIÓTICA E A FENOMENOLOGIA NELA IMPLICADA.....	50
II.1 - A Semiótica.....	51
II.2 - As categorias da experiência.....	51
III - OUVINDO OS PROTAGONISTAS.....	65
O Relatório-síntese.....	66
III.1 - A vida na favela do “Risca Faca”	66
III.2 - O acesso à saúde.....	76
III.3 - O Grupo de Mulheres.....	77

III.4 - A religião.....	86
III.5 - Do ponto de vista deles.....	91
III.6 - Relação com instituições da sociedade.....	96
III.7 - Pessoas de destaque.....	99
 IV - ACONSELHANDO-SE COM A SEMIÓTICA.....	 103
 V - DIALOGANDO COM A ANTROPOLOGIA.....	 123
V.1 - A Cultura da Pobreza.....	124
V.2 - O diálogo.....	133
 PALAVRAS FINAIS.....	 137
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	 142
 BIBLIOGRAFIA.....	 143
 ANEXOS.....	 145
Anexo A.....	146
Anexo B.....	147
Anexo C.....	148

PRIMEIRAS PALAVRAS



1 - INTRODUÇÃO

Mas em filosofia não existe uma arte observacional especial, e não existe conhecimento adquirido anteriormente à luz do qual a experiência é interpretada. A interpretação em si mesma é experiência... Em filosofia, a experiência é o inteiro resultado cognitivo do viver... Experiência é o curso da vida.

Peirce, CP 7.527; 1.426.

Pretende esta pesquisa fazer uma análise descritiva da realidade de uma das favelas da cidade de Marília, a do Jardim Nacional, na zona Sul da cidade, conhecida pelo nome de “Risca Faca”. Com este trabalho, não se busca a explicação de um fenômeno social e nem mesmo fazer uma análise estrutural ou uma pesquisa que siga por essa direção. Busca-se analisar os comportamentos existentes na realidade em questão, procurando compreender como são determinadas suas condutas, conforme ficará claro no decorrer deste trabalho.

Como se sabe, a favela é um dos muitos locais onde estão concentrados os indivíduos mais marginalizados de nossa sociedade, hoje por nós chamados de excluídos. Na favela vivem em situação muito precária e de extrema pobreza: não têm acesso a instalações sanitárias, moradia digna, segurança, conforto e à maioria dos bens de consumo. Semelhante situação os coloca à



margem, praticamente num “mundo” à parte, por não oferecer as mínimas condições de integração à sociedade.

Justamente por ter de sobreviver em situações tão extremas, os excluídos possuem estruturas próprias de organização e de comportamento, o que supõe valores próprios e diferentes. Ou seja, uma maneira própria de assimilar o contexto social em que vivem e de dar uma resposta ao mesmo. Podemos dizer que vivem em uma realidade sensivelmente diferente da das demais pessoas da sociedade.

Numa tentativa de compreender esta situação peculiar, pode-se fazer uma leitura semiótica dessa realidade. Na perspectiva da Semiótica¹, as respostas que essas pessoas dão ao seu meio manifestam uma interpretação do mesmo. Para uma leitura semiótica, tais respostas são signos que conduzem a uma interpretação.

Pergunta-se, então, que interpretações de sua realidade essas pessoas manifestam? Em outras palavras, como interpretam os signos que se apresentam a elas: os de sua realidade - por exemplo, o espaço da favela, os outros moradores, as condições em que vivem - e os da realidade urbana que as atinge -

¹ A Semiótica a que nos referimos foi proposta, originariamente, na segunda metade do século XIX e na primeira década do Século XX, pelo físico, químico, matemático e filósofo norte-americano *Charles Sanders Peirce* (1839-1914).



por exemplo, o espaço urbano, os órgãos governamentais, hospitais, escolas, locais de trabalho - e, conseqüentemente, como determinam sua conduta.

A partir dessas interrogações, outras questões poderiam ser suscitadas e trabalhadas, visto a complexidade do assunto. Irei me deter particularmente naquilo que diz respeito à educação, seja ela qual for: a formal, informal, religiosa, sanitária...

Qualquer trabalho educativo deve levar em consideração as particularidades dos educandos, isto é, a sua realidade familiar, econômica, cultural... A essa bagagem que cada indivíduo traz, podemos chamar de repertório, entendido como o que determina as diferentes interpretações de cada um.

Pretende-se, então, conhecer a realidade dessa favela, os condicionamentos que tal realidade apresenta e determina na vida dos seus moradores. Uma vez de posse desses elementos, verificar as respostas, as interpretações que esses indivíduos apresentam no cotidiano de sua realidade pessoal, familiar e comunitária.

Tais condicionamentos e respostas, para a Semiótica, são signos que devem ser interpretados para que se possa compreender *o outro*, sua realidade, sua vida. A partir dessa compreensão, é possível empreender uma atividade educativa junto a essa população. Caso contrário, não tendo em consideração a



particularidade dos educandos, apenas se impõe um padrão educacional, transforma-se a educação numa atividade normatizadora e exclui quem não se adapta aos seus moldes.

É exatamente para evitar isso que empreendemos essa tarefa. Oxalá possa este trabalho contribuir para uma maior compreensão dessa realidade, e, dessa forma, oferecer uma contribuição para aqueles que com ela desejam trabalhar, para que possam respeitá-la e tomá-la como ponto de partida.

2 - POR QUE A SEMIÓTICA?

Neste trabalho de pesquisa da Favela do Jardim Nacional poderia ter-me baseado em outras abordagens teóricas que não a semiótica. Poderia, por exemplo, como se trata de uma realidade social, ter recorrido aos recursos oferecidos pelas Ciências Sociais.

Dessa forma, poderia ter-me baseado numa das Sociologias como, por exemplo, a abordagem dialética ou a estrutural. Do mesmo modo, poderia ter utilizado a Antropologia, já que pretendo focar as pessoas numa dada realidade. Ou, então, a Psicologia Social, tratando-se de um estudo de comportamento social.



Mas optei pela Semiótica, dado seu caráter predominantemente descritivo. E, como tal, descreve as determinações da conduta que é justamente o que busco: conhecer as determinações da realidade favela e as respostas, as interpretações que, em suas representações e em sua ação, os favelados manifestam - sua conduta, em outras palavras.

A Semiótica, portanto, pode ajudar-me a compreender essa conduta que os moradores da Favela em questão revelam de si mesmos. Para tanto, oferece instrumentos para que se observe essas pessoas manifestarem o que interpretam da realidade e como interpretam. Trata-se de recolher o que o *outro* pensa, a sua interpretação, que para o pesquisador se constitui em um signo, também este a ser interpretado.

Neste sentido a contribuição da Semiótica é muito rica, porque não envolve qualquer pré-conceito, qualquer valor ou juízo que determine a sua apreensão. É apreender a leitura da realidade do *outro*, que nada tem a ver com a leitura do pesquisador.

Esta forma de abordagem implica a Fenomenologia, uma dentre as várias ciências gerais, de caráter filosófico, apresentadas por Peirce, em sua classificação das Ciências. E a Fenomenologia se propõe a efetuar um inventário das características mais universais do fenômeno, de tudo aquilo que se dá numa experiência possível. A ela recorrerá a Semiótica para ter acesso ao real, cuja

representação para uma conduta racional será seu objeto específico de investigação.

Por isso, fundamentar-se em Semiótica é pensar a partir da experiência ela mesma. E, para Peirce, a experiência é o próprio curso da vida. Porque não há uma forma específica de experimentação em Filosofia, a partir da qual a experiência é interpretada. Pois, para Peirce, a interpretação já é uma experiência. Logo, é a partir da experiência na favela, do que essa realidade apresenta, do que a vida dessas pessoas revela, que buscarei apreender a dinâmica das relações que se dão nessa situação concreta. Tal dinâmica permitirá a compreensão que pretendo com essa pesquisa.

É preciso ressaltar também que, para tal fim, em Semiótica, é necessário um ambiente dialogante. Sem um diálogo, o que pressupõe uma convivência, não é possível proceder a uma análise semiótica, porque todo signo é dialógico e social.²

Se é diálogo, é relação. E nesta relação há um intercâmbio de semelhanças, de diferenças, de tudo o que supõe a realidade dos dialogantes. Logo, não é possível pretender da parte do observador uma suposta neutralidade frente ao objeto pesquisado, mesmo porque, com isso, já não seria diálogo. E

² O caráter dialógico e social do signo será estudado no tópico referente à teoria semiótica.



justamente neste aspecto está a riqueza da semiose: é um encontro de alteridades, do qual não se pode sair ileso - e, diga-se de passagem, não se deseja isso.

Compreende-se, então, que não se busca com esta pesquisa explicar a realidade estudada e muito menos esgotar sua complexidade. Busca-se oferecer uma leitura que privilegie a relação do diálogo e também privilegie o outro enquanto ser dialogante. Não se trata de fazer abstrações do observado ou de explicar fenômenos sociais à luz de uma representação geral da realidade. Para a Semiótica nenhum fenômeno social seria mais relevante que outro, uma vez que todos são signos que expressam uma realidade.

A relevância está na interpretação que o *outro* oferece. E o que ele não oferece? Não é importante para a pesquisa? Para uma explicação sim, mas não para uma ciência descritiva do fenômeno, como é a Semiótica. Além disso, o fato de não revelar algo já é um signo que conduz a uma interpretação, voltando, mais uma vez, a Semiótica a encontrar seu próprio objeto.

Com isso, o que se quer é deixar claro que, possivelmente, para outras possíveis leituras que se possam fazer dessa realidade, alguns aspectos necessitariam ser melhor explicados ou aprofundados. Mas não para a leitura semiótica que busca representar a determinação da conduta através dos signos, porém não necessariamente as razões psicológicas ou sociais que levaram àquela determinação. Determina-se uma conduta ao revelar-se ou ao ocultar-se algo. E

ambos - revelar e ocultar - manifestam uma interpretação que se impõe, que determina hábitos e, numa relação dialogante, possíveis regularidades que estarão constantemente sendo revisitadas.

3 - A PESQUISA DE CAMPO

A realidade a ser pesquisada - a favela do Jardim Nacional - já era de meu conhecimento, pois já mantinha um certo contato com algumas pessoas da favela. Este contato foi-se estreitando cada vez mais, através de contínuas visitas e envolvimento em iniciativas comunitárias. E tornou-se ainda maior quando comecei a fazer parte de um trabalho organizado, que existia com algumas mulheres do local, o chamado Grupo de Mulheres.

Naquele momento, decidi realizar uma atividade de pesquisa direcionada para essa realidade. Buscava, deste modo, uma maior compreensão dessa favela para melhor cooperar com ela. Pretendia aproximar-me mais da vida dessas pessoas, de forma a ajudá-las e não reproduzir, sem perceber, a exclusão que já viviam. Como já fazia parte de um grupo de trabalho da favela, as coisas poderiam ser melhor encaminhadas.

Pelo convívio anterior com essa realidade, algumas de suas peculiaridades já eram conhecidas. Da mesma forma, por já possuir alguns contatos



peçoais, tornou-se mais fácil o acesso a essas pessoas, às suas vidas, à sua problemática.

Mas nem por isso tornou-se mais fácil encontrar uma metodologia mais adequada para o trabalho que propunha, e assim decifrar o “quebra-cabeça” da pesquisa de campo. Era uma incógnita a forma de captar a interpretação que essas pessoas manifestavam de sua realidade.

A Semiótica de inspiração peirceana oferecia recursos teóricos adequados para responder minhas principais exigências. Mas como trabalhá-la? O desafio que se apresentava, então, era o da adoção de uma metodologia adequada. Que instrumentos utilizar para levantar os dados necessários para a compreensão que propunha? Qual a forma de abordagem dessas pessoas, que as respeitasse em sua individualidade, que não cortasse os laços já existentes, e que pudesse conduzir a pesquisa a bom termo.

Essas e outras perguntas nortearam o trabalho no início da pesquisa de campo. Era um constante observar e sentir a realidade onde trabalhava, com o intuito de encontrar pistas que orientassem a pesquisa. Pessoalmente, não me agradava utilizar instrumentos alheios a essa realidade, ou que tivessem algum grau de sofisticação que, mesmo sem pretender, pudesse, de alguma forma, obstruir o trabalho a ser realizado. Prezava manter a máxima simplicidade no método, sem comprometer meus objetivos.



Também foi descartada a realização de entrevistas ou a utilização de questionários para levantamento de dados. Tais instrumentos colocam os entrevistados em situações não-naturais, quando não constrangedoras. Além de que, diante de perguntas dirigidas, normalmente respondem aquilo que o entrevistador espera ouvir ou segundo os modelos que eles sabem se encaixar nas expectativas daquele.

E foi assim que, no decorrer da pesquisa, ao esclarecer e precisar cada vez mais o objeto a ser pesquisado, percebi, com o auxílio de meu orientador, que através do Grupo de Mulheres poderia avançar no conhecimento da realidade a ser diagnosticada. E como já participava do grupo, a pesquisa se tornaria mais fácil e os objetivos poderiam ser mais prontamente atingidos.

Decidi, então, concentrar minha atenção nas relações que se estabeleciam no grupo, nas atividades que eram desenvolvidas e na forma como se desenvolviam. Em suma, atentar para a vida do grupo, apreender sua dinâmica, para ver o que ela me revelaria de seus protagonistas, todos eles moradores daquela favela. Procurando compreender essa parcela de pessoas, talvez pudesse obter indícios, embora sempre parciais, de como são, agem e se relacionam as demais pessoas da favela pesquisada.

Com isso, não pretendi esgotar a complexa realidade da favela, mas apenas apresentar indicadores das relações que se dão no seu interior. Logo,



seria interessante para a pesquisa tanto o que o grupo diz quanto o que não diz sobre suas vidas e a de seus vizinhos, porque o fato de não dizer já revela algo.

Quanto à forma de apreender a dinâmica do grupo, nada de especial. Procurei, com minha presença, fazer parte do cotidiano dessas pessoas, sem provocar situações artificiais. Apenas estar lá, participar, conviver com essas pessoas e partilhar de suas vidas. Nessa convivência, ao sabor do acaso e do inesperado, estar atento e observar. Observar tudo o que acontece para ver o que “salta aos olhos”, o que causa estranhamento, o que questiona... Enfim, o que revela o *outro*, aquele que é diferente de mim, com tudo o que ele possui de similaridades e de assimetrias.

No entanto, havia uma preocupação constante: o fato de ter um papel junto ao Grupo de Mulheres. As mulheres da favela não sabiam que eu, além de participar do grupo, estava ali fazendo um trabalho de pesquisa. E não queria revelá-lo para não condicionar a apreensão dos dados. Apenas as duas outras pessoas que não eram da favela, mas que, juntamente comigo, também lá trabalhavam e faziam parte do grupo, sabiam dessa pesquisa.

Com isso, era militante - por desenvolver um trabalho comunitário e também religioso - e, ao mesmo tempo, pesquisador. Havia uma preocupação constante em conseguir distinguir as duas coisas nos momentos de



análise e mesmo de observação. Mas se não houvesse esse condicionante, haveria outros.

Melhor dizendo, há sempre (outros) condicionantes na perspectiva desta pesquisa, por se tratar de uma análise semiótica. Como já foi dito acima - e será melhor trabalhado na abordagem teórica da Semiótica - a semiose se dá necessariamente através de um diálogo entre as partes envolvidas. Sendo diálogo, estarão necessariamente presentes os meus valores, minhas ideologias, minhas perspectivas... o meu ser militante. Assim como também estarão presentes as minhas expectativas de pesquisador, o que implicará num distanciamento da realidade pesquisada. Mas é um distanciar-se relativo, porque é necessário se dispor ao diálogo, condição fundamental para a pesquisa semiótica.

E também porque não existe uma objetividade absoluta, em qualquer situação observacional. Como sociólogo, Gilberto Velho³ demonstrou muito bem que o conhecimento da vida social sempre implica em um grau de subjetividade, apresentando, portanto, um caráter aproximativo e não definitivo:

A “realidade” (...) sempre é filtrada por um determinado ponto de vista do observador, ela é percebida de maneira diferenciada. Mais uma vez não estou proclamando a falência do rigor científico no estudo da sociedade, mas a necessidade de percebê-lo enquanto objetividade relativa, mais ou menos ideológica e sempre interpretativa.⁴

³ Velho, G., “Observando o Familiar”. In: NUNES, E.O. Aventura Sociológica, p. 36-46.

⁴ Ibid., p. 42.



Contudo, Velho também considera que a interpretação é constantemente revisada, porque ela concorre com outras - artísticas, políticas, religiosas etc. Nesse sentido, há outros tipos de militantes atuando nessa favela, o que poderá favorecer um confronto da leitura que dela vier a fazer. Dessa forma, poderá haver, por exemplo, uma confrontação com a leitura da Presidente da Associação dos Moradores local, da religiosa e dos membros da comunidade católica local, etc.

Consciente desta inevitável interferência subjetiva, principalmente em meu caso de pesquisador-militante, mantive esse dado sempre presente, mas não lhe dei uma relevância maior, e procurei colher os dados de forma objetiva, sem contudo perder a naturalidade de minha presença atuante no meio.

Com essa naturalidade, quero indicar apenas que procuro ser um a mais no grupo, comportar-me como se comporta em qualquer outro grupo do qual se participa, relacionar-me como as demais pessoas do grupo se relacionavam. Quanto à coleta de dados, ela se realizaria na medida dos acontecimentos, sem procurar provocá-los. Certamente houve momentos em que o tino do pesquisador se aguçou diante de algo que causou *estranhamento*, *questionamento*. Mas havia um cuidado constante em não manifestar essa atitude.



Para exemplificar, algumas vezes surgia uma discussão que indicava ser extremamente reveladora. Com muito cuidado, propunha-me calar, apenas ouvir o diálogo sem interferir, recolher o acontecido, e, posteriormente, submetê-lo à análise. Esse foi quase um procedimento padrão durante a pesquisa de campo. Foram raras as ocasiões em que provoquei um diálogo ou uma situação que me interessava para a pesquisa. Além disso, todo o observado era discutido com o orientador da pesquisa, que, cuidadosamente, foi questionando, esclarecendo e sugerindo os passos a serem dados, e burilando as interpretações inferidas.

Havia ainda um outro porém. O fato de ser o único homem no Grupo de Mulheres. O objetivo do grupo foi sempre o de crescer e de envolver outras pessoas, com o intuito de formar uma comunidade naquele local. Mas não foi isso o que ocorreu. Pelo menos por enquanto, o grupo é constituído somente por algumas mulheres da favela, as duas outras que até lá vão para participar, e eu - pesquisador-militante. Poucas vezes o pai e o irmão de uma das mulheres participaram conosco. E tanto nessas ocasiões quanto naquelas em que estava sozinho no meio delas, não creio que esse dado tenha interferido de modo muito significativo no desenvolvimento do diálogo.

Certa vez cheguei a comentar com as mulheres do grupo a preocupação que eu tinha de causar algum tipo de inibição, por exemplo, nas conversas que poderiam ocorrer. Mas elas disseram que não sentiam isso. De fato,



somente uma vez, quando uma psicóloga foi conversar com elas, quiseram reunir-se apenas as mulheres. Porém, depois perceberam que nem havia necessidade disso, que eu ou os outros homens - o pai e o irmão de uma delas - poderíamos ter participado.

As diferenças de relacionamento constatadas não tendo se apresentado como um impeditivo, continuei a pesquisa, procurando deixar que as coisas acontecessem, que os fatos agissem e se revelassem. Esta fase da pesquisa, de não apenas estar com aquelas mulheres mas também, nessa convivência, de ir levantando os dados que sentia, percebia e considerava relevantes, compreendeu o período de Outubro de 1996 a Maio de 1997. Mais precisamente, os Relatórios de Observação datam de 26 de Outubro de 1996 a 13 de Maio de 1997.

A partir de Maio de 1997, dedicamo-nos - orientando e orientador - a uma atividade de análise mais sistemática dos dados. Não que abandonasse a pesquisa de campo. Isto, aliás, nem seria possível, porque não deixei de participar do Grupo de Mulheres quando já não me interessava tanto colher dados. Mas, a menos que surgisse algum dado relevante, passamos a trabalhar com os dados que já dispúnhamos, mesmo porque já eram de uma quantidade suficiente para tanto. Atente-se para o fato de que os Relatórios de Observação, durante todo o período apontado, foram feitos, em sua grande maioria, semanalmente, uma vez que o Grupo de Mulheres se reúne normalmente todos os Sábados à tarde.



Num primeiro momento, foi feito um apanhado dos principais pontos observados que me pareceram os mais relevantes para compreender a realidade pesquisada. Esse apanhado deu origem a um Relatório-síntese dos demais Relatórios de Pesquisa. O Relatório-síntese constitui-se de 49 pontos de destaque, mais um anexo, que serviram de base para a análise de dados efetuada a seguir.

Confrontando os dados obtidos com a teoria semiótica, pudemos inferir algumas conclusões que pareciam responder, pelo menos preliminarmente, às questões propostas no início desta pesquisa.

Após essa primeira análise, as conclusões inferidas passaram a ser objeto de diálogo com professores e colegas que pudessem discuti-las e contribuir para uma maior precisão das mesmas. Ao mesmo tempo, foram confrontadas com aquelas resultantes do trabalho de um antropólogo norte-americano, Oscar Lewis, com populações carentes da cidade do México. Não era meu objetivo convergir a pesquisa para a análise proposta por Lewis. Toda a análise elaborada foi realizada independentemente das contribuições deste antropólogo. Porém, foi um feliz encontro, casual, que demonstrou significativa convergência, na qual as conclusões de uma pesquisa, adotando cada uma metodologia própria e não respondendo necessariamente às mesmas questões, confirmaram as da outra.



CAPÍTULO I

CONHECENDO A REALIDADE PESQUISADA



I.1 - CONTEXTUALIZAÇÃO

A favela do Jardim Nacional é resultado da ocupação de uma área institucional da Prefeitura Municipal de Marília. A referida área está caracterizada como sistema de lazer da Prefeitura Municipal e está situada na Quadra 12 do Bairro “Jardim Nacional”, anexa ao “Jardim Santa Clara”, fazendo frente para a Rua Mário de Oliveira.⁵

A área está localizada numa baixada íngreme. Possui várias minas d'água que são contaminadas pelo esgoto, que corre a céu aberto, e pela total falta de condições de higiene no local. Uma dessas minas, que aparenta estar um pouco mais abrigada da contaminação, é utilizada pelos moradores para beber e cozinhar. Por causa dessas minas, uma boa parte dessa área possui uma umidade constante, que aumenta consideravelmente nas épocas de chuvas.

Residem no local aproximadamente 70 famílias em casebres ou em barracos feitos de madeira e de restos de materiais de construção. Apenas algumas moradias possuem partes construídas com alvenaria. Os casebres, em alguns casos, chegam a abrigar até mais de uma família que tenha algum parentesco em comum. Dizemos ser aproximadamente 70 o número de famílias, porque o último levantamento realizado pela Prefeitura, juntamente com a Associação de Moradores e a com a Igreja Católica local, no ano de 1996, constatou haver 55

⁵ Cf. anexos A, planta do loteamento do Jardim Santa Clara, e B, planta atual da referida área, nas págs. 146 e 147, respectivamente.



famílias na favela. De lá para cá, algumas famílias mudaram-se da favela assim como outras vieram residir no local. Pessoas se casaram, outras nasceram e algumas morreram. Por isso, não temos um dado exato quanto ao número de famílias que, no momento, habitam a favela.

A área de lazer ocupada está vinculada ao loteamento do Jardim Nacional. O processo que deu origem ao loteamento foi o 4865/79, e o Decreto que lhe deu aprovação, o 4275/80. O loteamento estabeleceu 03 (três) áreas de lazer que totalizam aproximadamente 22.800m² (vinte e dois mil e oitocentos metros quadrados), sendo que a favela ocupa apenas uma dessas áreas.

O Jardim Nacional, assim como os seus vizinhos - Jardim Planalto e Jardim Amália, foram loteados pela Imobiliária Davoli, conforme narra o Sr. Benedito Barbosa, morador do bairro. Esta área pertencia à Fazenda Santa Augusta, que era propriedade da Família Marconato. Estes lotes foram comercializados sem nenhuma infra-estrutura, apesar do contrato de compra e venda reza que era de responsabilidade do proprietário providenciar instalação de rede de água, luz, esgoto e galerias.

A população, à época dos loteamentos, era constituída por mais ou menos cinco famílias, conforme recorda o Sr. Benedito Barbosa. Essas primeiras famílias solicitavam a vinda de um caminhão pipa duas vezes por semana



para abastecê-las com água. E para se livrar dos dejetos humanos era utilizado o sistema de fossa negra.

O transporte coletivo tinha uma linha inicial próxima ao Clube dos Bancários, distante cerca de 5Km. Os moradores tinham que caminhar entre as plantações de café e eucaliptos para chegar até o ponto do ônibus. E quando necessitavam de serviços médicos, o mais próximo era o Hospital de Clínicas, no Bairro Fragata, a cerca de 8Km de distância.

O Jardim Santa Clara só foi loteado em 1989 pela Planasa Empreendimentos Imobiliários. A realidade deste loteamento não foi diferente da realidade dos demais loteamentos acima mencionados. Até hoje a população luta para resolver seus problemas de infra-estrutura.

Através da organização da comunidade, hoje os bairros estão bastante mudados em vista do que foi entregue. Há uma infra-estrutura melhor. Segundo informações da Prefeitura, eles possuem atualmente 100% da rede de água e esgoto e 70% de pavimentação asfáltica, pois ainda não terminaram de fazer as galerias, por ser um compromisso que geralmente os loteadores assumem e não cumprem. Atualmente este problema do término de pavimentação asfáltica, bem como a construção de galerias e o desfavelamento, tem sido a grande bandeira de luta da associação de moradores local, cujo nome é APANSC - Associação de Moradores dos Jardins Planalto, Amália, Nacional e Santa Clara.



A área ocupada sempre foi conhecida pelo nome de favela do “Risca Faca”, pois ocorria muitas situações de brigas entre os moradores. A Igreja Católica local - Paróquia Santa Rita de Cássia de Marília - vem procurando realizar um trabalho de conscientização e de evangelização com uma parcela dos moradores. Com isso, a realidade tem mudado um pouco e a favela conta até mesmo com um pequeno salão que serve de local de reunião e encontro. A esse local foi dado o nome de “Comunidade Sagrado Coração de Jesus”⁶, e, para alguns, esse é o novo nome da favela.

A população desta área ocupada caracteriza-se por pessoas de baixa renda, ou até mesmo sem nenhuma renda, semi-analfabetas, analfabetas, desempregadas ou vivendo de subemprego, oriundas de bairros periféricos - principalmente da zona sul - do município de Marília e da região, que se encontram em situação de má qualidade de vida, vitimadas pela violência social, a discriminação, a marginalização social e o preconceito.

Por todos esses fatores, ali residem essas pessoas por não conseguirem pagar um aluguel. Tampouco conseguem inscrever-se num plano de casa própria promovido por órgãos públicos, porque além de não atingirem a renda exigida, não conseguiriam pagar as prestações que têm índices de correção acima da inflação. A média da renda familiar dessas pessoas é de um salário mínimo.

⁶ Ver a seguir, item I.2, histórico do Grupo de Mulheres.



É o caso, por exemplo, da Dona Lourdes da Silva Santos, 56 anos, que foi a primeira moradora desta área, pois mudou-se para o local por volta de 1980. Ela conta que morou na Fazenda Santa Augusta, onde trabalhava na roça. Com o loteamento todos se viram obrigados a se empregar na cidade. Ela mesma foi morar com sua família no bairro Monte Castelo. Pagava aluguel, mas devido ao seu alto custo e à impossibilidade de se inscrever num plano de casa própria, viu-se obrigada a pedir ao prefeito municipal para deixá-la morar ali, nessa área de lazer do Jardim Nacional, pertencente à Prefeitura. Hoje ela agradece ao prefeito da época por ter feito isso por ela, e fala que se não fosse por ele não saberia o que fazer.

1.2 - O GRUPO DE MULHERES

Sempre houve pessoas, pertencentes a grupos da comunidade católica local, que iam à favela do “Risca Faca” reunir as famílias para rezar o terço, a novena de Natal e outras atividades devocionais. Além disso, já há bastante tempo, há o trabalho da Pastoral da Criança, que acompanha o crescimento das crianças através do controle do seu peso.

Porém, no início do ano de 1994, duas pessoas, Maria do Carmo e Suzana - a primeira, uma religiosa e a segunda, uma catequista - tentaram fazer um trabalho diferente, mais organizado. Visitavam os barracos, cumprimentavam



as famílias, conversavam e se interessavam pela vida daquelas pessoas. Com o tempo começaram a reunir as crianças para brincar e conversar.

O passo seguinte foi reunir também as mães. Dessa forma, a Suzana ficava com as crianças e a Maria do Carmo ficava com as mulheres que vinham participar. Desse núcleo surgiu o Grupo de Mulheres que se reunia para conversar sobre seus problemas, sobre si mesmas - partilhavam suas histórias de vida e suas dificuldades. No final era feito um chá, acompanhado de bolachas, que era partilhado por todas.

Tinham planos de se reunir sempre, conversar sobre sua situação, trazer palestras para com elas conversar, por exemplo, sobre saúde, filhos etc. Em seguida, uma outra catequista, chamada Rita, juntou-se a elas para ajudar no trabalho com o Grupo de Mulheres.

Mas o grupo atingia apenas as mulheres de uma parte da favela. Por isso, Maria do Carmo e Rita ficavam insatisfeitas por não atingirem também as mulheres da parte de baixo. Havia, porém, uma rixa entre as mulheres da parte de baixo e as da parte de cima da favela. Estas pareciam considerar-se melhores que aquelas que, por sua vez, consideravam as outras metidas. Aí surgiu a idéia de fazer um outro grupo lá embaixo. Mas tanto Maria do Carmo quanto Rita não consideravam correto fazer isso.



Foi quando descobriram que a casa onde se reuniam era um ponto de drogas. No chão da casa, embaixo de onde se reuniam, algumas mulheres do grupo denunciaram que havia drogas enterradas. Foi um problema sério que abalou o grupo e as pessoas que iam para a favela fazer esse trabalho. Com discrição, arrumaram um desculpa para encontrar um outro local para reunir-se.

A oportunidade não tardou em aparecer. No ano de 1995, a Campanha da Fraternidade - um dos grandes eventos da Igreja Católica, realizado antes da Festa da Páscoa - discutiu o tema da exclusão social. Do dinheiro arrecadado, na comunidade local, para essa campanha, parte foi destinada para o trabalho da Igreja nesta favela.

Com esse dinheiro foi comprado um barraco da favela, e dado início à construção de um salãozinho para ser o novo local de reunião do Grupo de Mulheres. Com a construção foi dada uma pausa nos trabalhos até então realizados. Quando o salão comunitário foi terminado, no início de 1996, retomaram-se as atividades.

Foi nessa época que passei a fazer parte do grupo. Já visitava a favela esporadicamente e, inclusive, havia ajudado na construção do salão comunitário. Mas sempre achei que em atividades que visavam à participação de mulheres, minha presença talvez tirasse um pouco a liberdade das mesmas. Mas fui aos poucos me aproximando do grupo até chegar a fazer parte do mesmo.



Surgiu então a bandeira do desfavelamento, que desde o ano anterior vinha sendo proposto pela Associação de Moradores, em conjunto com a Prefeitura Municipal e com a Igreja Católica local, o que facilitou o reagrupamento do Grupo de Mulheres. O projeto previa a construção de 55 moradias populares, na forma de mutirão, no terreno ao lado da favela. A Prefeitura cederia a referida área e a CDHU - Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo - proporcionaria as cestas de materiais de construção, cujo valor seria pago posteriormente pelos moradores em parcelas de baixo custo. Foram feitos, então, dois cadastramentos para constatar o número de famílias que residiam no local, chegando-se à cifra de 55 famílias.

Por essa época foi posto em discussão dar um nome ao grupo, que já tinha algumas características de uma comunidade. Dentre os vários nomes sugeridos, as mulheres escolheram o de “Comunidade Sagrado Coração de Jesus”.

Também nessa fase houve uma tentativa de junção, no mesmo grupo, das mulheres da parte de baixo com as mulheres da parte de cima. Mas a tentativa foi catastrófica, porque resultou em briga e numa grande confusão, que só foi amenizada porque Maria do Carmo interveio.

Naquele momento, Rita afastou-se porque estava grávida. O grupo passou por um processo de “peneiramento”, através do qual algumas



mulheres o deixaram e outras começaram a dele participar, até ficar com a constituição que hoje apresenta.

Hoje reúnem-se para conversar, partilhar a vida, rezar, estudar a Bíblia e discutir sobre os seus problemas. Uma outra senhora da Paróquia, chamada Vera, juntou-se à Maria do Carmo e a mim, passando a visitar a favela e fazer parte do Grupo de Mulheres. Já não se tem a proposta do desfavelamento, porque o terreno proposto foi rejeitado pela CDHU, uma vez que não pode ser utilizado para construir casas, por ser destinado para área de lazer⁷. Com isso, atualmente essa proposta está desmobilizada.

Mas as mulheres decidiram aprender a fazer sabão, como uma forma de ganhar algum dinheiro e aumentar a sua renda familiar. Aprendeu-se a fazer o sabão, mas ainda é preciso uma melhor organização, tanto para a fabricação quanto para a venda do mesmo.

Com o salão, as atividades tem-se concentrado nesse espaço. Ali nos encontramos e nos reunimos. As visitas que antes havia, hoje já não se realizam mais. Perdeu-se o contato que havia com outras famílias que não participavam do grupo. Nesse sentido houve um retrocesso.

⁷ Artigo 180, item VII, da Constituição do Estado de São Paulo.



I.3 - COMPOSIÇÃO ATUAL DO GRUPO DE MULHERES⁸

O Grupo de Mulheres atualmente está composto pela Cida, sua irmã Cristina, Regina, Rosa, Rose, Mara, Santana e Lourdes, além da Ir. Maria do Carmo, Vera e eu (Luís Paulo). Algumas delas já residem há bastante tempo no local, outras chegaram há apenas três anos. A maioria é proveniente de ambientes rurais, ou então de pequenas cidades, cuja principal forma de trabalho é o rural. Apresentamos, a seguir, uma breve descrição dos componentes do grupo.

01 - Cida:

Cida veio da roça, onde nasceu e se casou. Possui por volta de 32 anos de idade e é casada com o Jaime. Mora em um barraco ruim, num local bastante minado e por isso sempre úmido. Apesar dos buracos nas paredes do barraco, ela disse que não chove dentro. O problema é quando faz frio. A família é grande: além do dois (pai e mãe), sete filhos. Apesar desse número tão grande, quando nasceu o último filho da Cida o médico não quis ligar suas trompas, por causa de sua pouca idade.

Ela cuida da casa e dos filhos e participa de trabalhos comunitários: participa da costura e do sabão. Não costura para fora mas vende o

⁸ Com essa composição do Grupo de Mulheres foi realizada a pesquisa de campo, sendo que o período mais sistemático da mesma foi de Outubro de 1996 a Maio de 1997.



sabão que é feito comunitariamente. Mas rende muito pouco. Seu marido trabalha em subempregos, normalmente como servente de pedreiro. Ele recebe semanalmente e sustenta a família. Obviamente o que ganha não é suficiente.

Cida é uma mulher esforçada e dedicada. Tem boa vontade e está sempre disposta a colaborar. Uma prova de que é bastante interessada, é que, certa vez, seu marido fez uma caixa quadriculada para fazer o sabão. Não ficou muito boa, mas é significativo essa iniciativa deles e também o fato de o marido ter colaborado.

Cida é uma das mais ativas participantes do grupo. Com ela ficam as chaves do salão comunitário, para que possa zelar pelo mesmo. Pelo seu trabalho de zeladora, ela é ajudada com uma cesta de alimentos que mensalmente recebemos de uma pessoa interessada. Na prática é a líder do grupo. Sempre que precisamos de alguma coisa ou de tomar uma iniciativa, é a ela que sempre recorremos. É também a pessoa mais conscientizada do grupo.

Certa vez, expulsou seu marido de casa porque estava bebendo muito e não ajudava em nada. Disse ela: “Para que eu quero um marido que não faz nada para contribuir com a família?” Ficou quase dois meses sozinha até que o marido reapareceu, exigindo ficar em casa porque os filhos também eram seus. Ela permitiu, mas disse que se ele “sair da linha” outra vez, expulsa-o de novo.



02 - Cristina:

Ao lado do barraco da Cida está o barraco da Cristina. Cristina é irmã gêmea de Cida e é casada com o irmão de seu cunhado. Duas irmãs casadas com dois irmãos. Como sua irmã, também é nascida e casada na zona rural. Sua situação é pior que a de sua irmã. Tem sete filhos - sendo que o último nasceu em junho de 1997, aproveitando-se a cesariana para ligar as trompas. O barraco é muito ruim, mas já esteve pior ameaçando até desmoronar.

Seu marido é diferente do de Cida. Não está interessado nas coisas da comunidade ou da esposa, e bebe mais que seu irmão Jaime. E o pior é que, nesse estado, algumas vezes bate na esposa. Conforme diz Cristina, “quando está são é um coitado, mas quando bebe...” Certa vez bateu na esposa apenas vinte dias depois de ela ter feito cesariana. Cristina ficou com o rosto todo inchado.

Se a situação financeira da Cida não é boa, a de sua irmã é pior. Nem sempre o marido consegue trabalho, na maioria das vezes um “bico”. Sem falar que um irmão dele mora junto com a família. Mas também não trabalha e não ajuda em casa. Só ajuda a beber. Com tal situação, faltar comida em casa é comum. Aí a mãe engana a fome dando água com açúcar para suas crianças.

De vez em quando ela se cansa da situação e estoura - “roda a baiana”, como ela diz. Expulsa todos os homens bêbados de casa, exige que lhe

tragam o leite das crianças ou o que está faltando. Ai eles dão um jeito e trazem o que ela pede. Enquanto isso não acontece, ela vai suportando tudo e sobrevivendo.

A Cristina também não é muito interessada no Grupo de Mulheres. Antes participava mais. Mas passou um bom tempo sem vir ao grupo. Depois que engravidou e que nasceu seu último filho, começou a participar um pouco mais. Quando assistimos aos filme sobre a vida de Jesus, ela estava no período da gravidez, mais ou menos pelo sexto mês. Assistiu ao filme muito compenetrada, mas quando chegou nas cenas de prisão e de tortura de Jesus, saiu da sala por não suportar ver aquele sofrimento.

03 - Regina:

Regina tem aproximadamente 22 anos de idade. Ao contrário da Cida e da Cristina, sempre morou na cidade. É amasiada com um homem chamado Vanil e tem duas filhas. Ela não trabalha fora e seu marido trabalha como pedreiro. Não deve ganhar muito bem porque há algum tempo atrás ela vivia falando de conseguir encontrar um trabalho de doméstica. Mas não pode trabalhar fora por causa de suas crianças. Juntamente com a Cida, é das que mais investe no trabalho do sabão.

Como os demais homens seu marido bebe muito, até brigar com os colegas e vir para casa dormir. Mas apesar disso, quando está são parece ser uma pessoa acessível. Certa vez consegui dialogar com ele. Mas nunca se



interessou em participar das iniciativas da comunidade. Também é muito ciumento: quando está bêbado, vai atrás da mulher onde estiver.

Regina participa do grupo e, de uns tempos para cá, com mais dedicação. Não é de tomar muitas iniciativas e dar idéias, mas até que assume as coisas com as quais se compromete, e, de vez em quando, consegue fazer algumas reflexões críticas em relação ao grupo ou ao nosso trabalho. Em geral é animada. Não costuma comentar seus problemas pessoais no grupo. No dia em que fizemos a festa de amigo secreto⁹, ela fazia aniversário. Quando cantamos “Parabéns” e a colocamos no meio do grupo, ela se emocionou muito e disse que gostaria que sua mãe estivesse presente. Sua mãe abandonou o marido e os filhos quando ela era ainda criança.

04 - Rosa:

Rosa, com seus 28 anos de idade aproximadamente, é casada com o José, mais conhecido por “Deca”. Também é de origem rural, apesar de já morar na cidade há algum tempo. Tem quatro filhos, mas só dois vivem com ela. Os outros dois ficam com seus pais. Está grávida do quinto filho e não está sendo nada fácil a sua gravidez, por ter uma saúde sempre muito frágil.

⁹ Ver capítulo III.3, item 23.



Como as outras mulheres já apresentadas, ela trabalha em casa e o marido vive de subempregos. E, como os demais, o que ganha não é suficiente para manter a família. Certo dia presenciei ela dando água com açúcar para os filhos que, insatisfeitos, continuavam a reclamar. Peguei, então, uma vasilha e fui tentar arrumar comida para eles.

Ela vem de uma família muito religiosa e católica. Tanto que certa vez tentou dar catequese para crianças, juntamente com a Suzana - catequista da Paróquia que trabalha na favela¹⁰. Mas a experiência não deu certo. O marido é uma pessoa simpática mas também bebe um pouco. É um pouco “parado” e devagar, porém é serviçal. Quando assistimos a filmes no salão - que não tem energia elétrica - foi da casa dela que puxamos um fio de extensão e de lá também trouxemos o aparelho de televisão. E, é claro, quem providenciou tudo isso foi o marido da Rosa.

Quanto ao grupo, tem épocas que Rosa não participa muito. Tem muitos problemas em sua casa e com sua família. No grupo, sua contribuição não costuma ser muito grande. Normalmente fica calada e, muitas vezes, nem canta. Mas quando contribui, percebe-se que tem uma formação religiosa.

¹⁰ Ver item 1.2 deste capítulo, histórico do Grupo de Mulheres.



É uma pessoa que sofreu e sofre muito com a vida que tem. Diz não ser muito compreendida pelas pessoas, nem mesmo por seus familiares. Aliás, segundo ela, é bastante discriminada por seus familiares. Sofreu muito com o primeiro marido com quem teve os dois primeiros filhos - só para se ter uma idéia, na hora do seu casamento seu noivo estava bêbado e quase caiu no altar. Agora está se entendendo com esse último, com quem teve dois filhos e está grávida de mais um.

Seus pais - Sr. Manoel e D. Aparecida - são pessoas bastante religiosas. Seu pai não era assim tão religioso, tinha uma personalidade difícil, mas depois que se converteu a um dos movimentos da Igreja Católica - a Renovação Carismática Católica - está bastante mudado. É uma pessoa fervorosa e de muito zelo por sua religião. Igualmente sua mãe. Às vezes participam das reuniões do Grupo de Mulheres. A esposa não fala nada, mas o Sr. Manoel fala bastante e contribui muito para nossas reuniões de reflexão.

05 - Rose:

É casada com um homem chamado Carlos, possui aproximadamente 25 anos de idade, e tem quatro filhos. Também veio da roça onde trabalhou muito, mas casou-se na cidade. É a que possui uma vida mais estável, dentro dos padrões de uma favela. Sua casa é a mais ajeitada e organizada. E dificilmente a ouvimos reclamar de alguma coisa em sua vida pessoal. Só me



lembro de uma única vez ter ouvido alguém comentar que seu marido estava bêbado.

Ela vende roupas e produtos de beleza. O marido é pedreiro e deve ganhar razoavelmente, porque tem uma moto. E não só por possuí-la, mas também porque uma vez roubaram-na e ele a recuperou faltando muitas peças, e logo mandou arrumar tudo.

O marido parece ser uma boa pessoa. Não participa do grupo mas também nunca interferiu. Certa vez esteve muito doente. Estava com problemas no estômago e, no Hospital onde foi atendido, diagnosticaram como gastrite. Gastou com remédios caros mas de nada adiantou. De repente teve de ir às pressas para o hospital e acabou sendo operado de úlcera. E depois teve ainda de ficar 90 dias sem poder trabalhar.

No grupo, Rose participa bem mas nem sempre consegue estar presente. Como vende produtos, às vezes sai no horário de reunião para vender ou para receber o vendido. Mesmo assim sempre aparece, nem que for no final da reunião. Em geral, contribui muito para o grupo partilhando suas vivências e reflexões. É uma pessoa ponderada e dedicada. Junto com Cida - mas não tanto quanto esta -, também é uma pessoa que se destaca em liderança dentro do grupo.

06 - Mara:

É a cunhada da Rose. Como esta, é proveniente também da zona rural. É amasiada com o Sr. José e deve ter aproximadamente 35 anos. Tem três filhos, todos do primeiro casamento que a fez sofrer muito. Hoje ela vive bem melhor com esse segundo esposo. Uma das filhas, que é adolescente, lhe deu muito trabalho: é mãe solteira, acabou se envolvendo com drogas, teve de doar a criança, além de não ser aceita pelo padrasto que não concordava com sua conduta. Acabou tendo que sair de casa.

Mara, como sua cunhada Rose, vende produtos de beleza, além dos guardanapos que pinta, técnica que aprendeu na oficina comunitária de pintura. Seu marido é pedreiro e, como o marido da Rose, deve ganhar razoavelmente bem. Nunca se ouve Mara reclamar que lhe falta algo de essencial em casa. Sua casa, como a da Rose, é também bem ajeitada. Também possui uma vida estável.

Seu marido também não se envolve com a comunidade. Só uma vez ajudou na construção do salão comunitário, mas foi dada a ele uma contribuição como ajuda. Mara participa, mas tem o mesmo problema da Rose: às vezes, sai para vender ou receber de seus clientes, e não vem para a reunião do grupo ou então chega atrasada.

Mara gosta muito de estudar a Bíblia e parece ser uma pessoa bastante religiosa. Contribui razoavelmente com o grupo nas orações e reflexões,



mas não é de tomar a frente nos trabalhos. Parece, contudo, gostar muito de participar.

07 - Santina:

É uma das mais animadas mulheres do grupo. Está sempre sorrindo e brincando. Quem a vê e com ela conversa, não é capaz de imaginar a vida que leva. Sua idade deve ser de aproximadamente 35 anos. Nasceu numa cidadezinha da região de Marília e trabalhou bastante na roça. Possui 06 filhos de várias uniões irregulares. O atual é o seu terceiro marido, pai de sua filha caçula.

O seu atual esposo não participa da comunidade, mas muitas vezes procura conversar para passar uma boa imagem de si mesmo. E tem motivos para fazer isso, porque a imagem que temos dele é muito ruim. Não trabalha alegando ter problemas de saúde, mas bebe muito. Várias vezes tem crises convulsivas e já ficou internado mais de uma vez. Não ajuda em nada em casa e atrapalha muito: vive brigando com os outros filhos da Santina e com ela também. E quando fica doente é ela quem tem que socorrê-lo e cuidar dele.

O filho mais velho de Santina, quando tinha quinze anos de idade, engravidou uma moça, de também quinze anos, e resolveram viver juntos. Um outro que já tem quatorze anos trabalha num projeto de horta comunitária, ganhando um pouco de dinheiro e uma cesta de alimentos. Mas parece que ultimamente a cesta não está mais sendo entregue. Um outro filho, pouco mais

novo que esse último, estava trabalhando com um comerciante, ganhando um pouco também, mas roubou um cheque do patrão e foi despedido de mãos vazias. Os outros filhos são pequenos.

Santina já tentou arrumar emprego mas não consegue. Além disso, os filhos acabam se tornando um impedimento para trabalhar, pois é preciso cuidar deles, socorrer quando estão doentes... e o marido nem isso faz. Muitas vezes lava roupa de outros para ganhar alguma coisa, mas já aconteceu mais de uma vez de não conseguir receber pelo seu trabalho. Busca cestas de alimentos em mais de um lugar onde sabe que entregam. É uma situação bastante difícil a sua. Já mandou o marido embora várias vezes, chegando a colocar suas coisas na rua, mas ele não sai.

Com tantas problemas é de surpreender que participe do grupo com tanta perseverança e animação. De fato, é uma das mais assíduas nas reuniões do grupo. Também é uma das que mais está atenta ao que conversamos. Sempre alegre, brinca muito, principalmente comigo. É como se o grupo fosse uma forma dela fazer algo diferente, distrair-se e animar-se, esquecendo um pouco seus problemas. Não é de falar muito no grupo, mas algumas vezes fala e contribui com a reflexão ou discussão. Além disso, é uma das que mais facilmente consegue memorizar tons e melodias das músicas que ensinamos. É realmente uma figura que cativa com muita facilidade.



08 - Lourdes:

Lourdes também é nova, aparentando ter mais ou menos 25 anos de idade. Nasceu na roça mas, desde quando era ainda criança, foi criada na cidade pela família de um médico. Possui dois filhos, sendo casada com um homem que não tem nenhum contato conosco. Não era para menos, é consumidor e traficante de craque.

Lourdes casou-se iludida, contra a vontade da família que a criou, e não imaginava que seu marido seria da forma como, depois do casamento, revelou ser. Ele trabalhava mas seu vício começou a afetar seu trabalho, por exemplo fazendo com que faltasse muito. Como é viciado, gasta muito dinheiro para conseguir a droga. Às vezes fica dias e noites fora de casa, deixando sua esposa e filhos sozinhos. Como era de se esperar, acabou sendo preso.

Já antes de ser preso, Lourdes começou a procurar um trabalho para conseguir manter sua família, porque esperar pelo marido era perda de tempo. Conseguiu um trabalho de doméstica com uma de suas cunhadas.

Ela freqüentava assiduamente o grupo e também participava bastante. Não que falasse muito, mas falava o suficiente para dar sua contribuição. Também não era de tomar iniciativas, mas sempre colaborava com aquilo que se decidia fazer. É de outra religião, mas assim mesmo participava do nosso grupo.

Desde que começou a trabalhar não pôde mais participar e se afastou da comunidade.

09 - Ir. Maria do Carmo:

É uma religiosa missionária, natural de Manaus, com cerca de 40 anos de idade. Foi quem começou, juntamente com outras duas pessoas, o trabalho que favoreceu o surgimento do Grupo de Mulheres. Além do trabalho na favela, participa de outros trabalhos da Igreja.

É uma pessoa simples, perseverante e perspicaz. É também muito prática e realista. Identifica-se muito com esse tipo de trabalho e sente-se realizada com o que faz. Conseguiu ganhar a confiança e o respeito das mulheres, até pelo longo tempo que trabalha com elas, e pela seriedade com que o faz. Possui também uma boa capacidade de crítica e questionamento.

10 - Vera:

É uma senhora viúva, de aproximadamente 50 anos de idade. Tem dois filhos mas já são casados. É costureira, possui uma confecção, e sobrevive dessa profissão. Participa de muitas iniciativas na Paróquia e auxilia vários grupos. Um dia ofereceu-se para vir conhecer o trabalho na favela e acabou ficando.



A Vera é uma pessoa muito meiga, prática, perseverante e dedicada. É bastante sonhadora - no bom sentido da palavra - e sempre incentiva o grupo para novas iniciativas. Acredita muito na capacidade das mulheres e investe para que elas ganhem em autoconfiança. É uma pessoa bastante empolgada com o que faz, que se sente feliz por estar ali com aquelas mulheres.

11 - Luís Paulo:

Tenho 29 anos de idade, sou solteiro e, de profissão, sou professor. Participo de muitas iniciativas na Igreja e fora dela. Uma das características do meu trabalho é a seriedade e a dedicação.

Já visitava a favela esporadicamente por outros motivos que não o trabalho da Igreja local. Aos poucos fui aumentando o ritmo das visitas até me entrosar com o trabalho do Grupo de Mulheres.

Além de participar do grupo, procuro investigá-lo tendo em vista a elaboração de uma dissertação de mestrado em educação, uma vez que já vinha desenvolvendo um trabalho com esta realidade. Mas apenas Ir. Maria do Carmo e Vera têm conhecimento desse trabalho. As mulheres do grupo não imaginam que eu esteja fazendo esta pesquisa naquele local.



CAPÍTULO II

COM A PALAVRA A SEMIÓTICA E A FENOMENOLOGIA NELA IMPLICADA...



II.1 - A SEMIÓTICA

A Semiótica desenvolvida por Charles Sanders Peirce (1839-1914) - filósofo, cientista, lógico, matemático, químico - trouxe uma grande contribuição para a filosofia ocidental ao desenvolver uma teoria que apreendesse a realidade a partir de um determinado enfoque: a leitura de signos que são parte integrante da própria estrutura da realidade.

O ponto de partida para a Semiótica de Peirce é a própria experiência. Como entidade experienciável (fenômeno), considerou tudo aquilo que aparece à mente, qualquer coisa sonhada, imaginada, concebida, alucinada... Peirce realizou o mais atento exame do modo como os fenômenos se apresentam à experiência, para agrupar seus elementos em classes universais - as categorias - e, por fim, traçar seus modos de combinação.

II.2 - AS CATEGORIAS DA EXPERIÊNCIA¹¹

Peirce divide as ciências em três grandes classes: a Matemática, a Filosofia e as Idioscopias ou Ciências Especiais. A Filosofia “lida com verdades positivas, pois, de fato, satisfaz-se com observações tais como as que são pertinentes à experiência normal e diária de todo homem, e nas mais das vezes, em

¹¹ Devido à complexidade deste assunto, para a sua exposição será utilizado o belo trabalho de Ivo A. Ibri, *Kósmos Noetós*, que conseguiu elaborar uma clara e sintética exposição das categorias.



toda hora consciente de sua vida.” (CP, 1.241)¹². E é na subdivisão da Filosofia que encontramos a Fenomenologia, como a primeira das ciências positivas da Filosofia, sendo também nomeada por Peirce de Faneroscopia ou Doutrina das Categorias.

A Fenomenologia desenhar-se-á como uma ciência que se propõe efetuar um inventário das características do *faneron* ou fenômeno, dividindo-o em três grandes classes - as categorias.

Por *faneron*, Peirce entende:

“... o total coletivo de tudo aquilo que está de qualquer modo presente na mente, sem qualquer consideração se isto corresponde a qualquer coisa real ou não.” (CP, 1284)¹³

A Fenomenologia não pretende ser uma ciência da realidade - trabalho que, enquanto tal, caberia à Metafísica realizar -, mas, apenas, buscará escrutinizar as classes que permeiam toda experiência comum. Por experiência, Peirce não entende o resultado de uma arte observacional especial, como em outras ciências. “Em filosofia, a experiência é o inteiro resultado cognitivo do viver...” (CP, 7.527)¹⁴ “Experiência é o curso da vida.” (CP, 1.426)¹⁵

¹² IBRI, I.A., *Kósmos Noetós*, p. 03. A sigla e a numeração entre parênteses correspondem aos Collected Papers of Charles S. Peirce (=CP), seguidos do número correspondente ao volume e, separado por um ponto (.), o(s) número(s) do(s) parágrafo(s).

¹³ Ibid., p. 04.

¹⁴ Ibid., p. 04.

¹⁵ Ibid., p. 04.

Assim sendo, para a pesquisa fenomenológica, o que temos a fazer “é simplesmente abrir nossos olhos mentais, olhar bem para o fenômeno e dizer quais são as características que nele nunca estão ausentes...” (CP, 5.41)¹⁶

Para o trabalho fenomenológico, requer-se três faculdades que podem ser resumidas em *ver*, *atentar para* e *generalizar*, despindo a observação de recursos especiais de cunho mediativo. A extrema simplicidade destes quesitos prenuncia um dos traços axiais da Filosofia de Peirce - o cotidiano, o imediatamente experienciável, o senso comum assumirão estatuto de pedra basilar na construção de seu pensamento.

O pensamento, para Peirce, é da natureza do signo. Enquanto toda a tradição pressupunha um sujeito e um objeto para então se estabelecer um processo de pensamento, em Peirce a subjetividade tem origem na própria produção do signo, ou seja, é no contínuo das interpretações que ela irá se representar: “O indivíduo surge quando e somente quando uma relação de alteridade ou algum limite se interpuser à espontaneidade dos sentimentos e recortar domínios no processo criativo dos signos.”¹⁷

¹⁶ IBRI, I.A., *Kósmos Noetós*, p. 05.

¹⁷ SILVEIRA, L. F. B., *O 'Admirável Amazonas', metáfora do pensamento* (em vias de publicação).



Há uma passagem fundamental de Peirce que nos esclarece a sua concepção de pensamento:

“Duas coisas são de primordial importância para o nosso convencimento e para que retenhamos na memória. A primeira é que uma pessoa não é absolutamente um ser individual. Seus pensamentos são o que ela está ‘dizendo para si mesma’, isto é, está assegurando para este outro eu que está neste momento surgindo para a vida no fluxo do tempo. Quando alguém raciocina, é a este eu crítico que ele está tentando persuadir; e todo e qualquer pensamento é um signo, e muito freqüentemente da natureza da linguagem. A segunda coisa a ser lembrada é que o círculo social do homem (por mais ampla ou estreitamente que esta frase possa ser compreendida), é uma espécie de pessoa frouxamente compactada, sob alguns aspectos de um grau mais alto do que a pessoa de um organismo individual.” (CP, vol. 5.#421)¹⁸

A trama fundante da subjetividade é uma intensa relação dialógica. O sujeito é o lugar onde ocorre um contínuo diálogo. O *eu* passado, herdeiro e portador de toda a tradição e dos objetos por ele procurados, procura transmitir para o futuro as mesmas convicções e a mesma busca que o moveram até então. O primeiro momento do diálogo é, pois, o da produção de signos de convencimento e de persuasão.

Porém, o *eu* passado se dirige a um *eu* crítico que não deverá pura e simplesmente reproduzir mecanicamente a mesma representação do objeto, pois deverá decidir sobre a aceitabilidade desta representação.

¹⁸ SILVEIRA, L. F. B., *O 'Admirável Amazonas', metáfora do pensamento*. Baseando-se nesta obra, será feita uma breve exposição do caráter dialógico e social do signo.



Aceita a representação do objeto pela interpretação levada a cabo por este *eu* que surge, confirma-se ou renova-se uma determinação da conduta em direção ao objeto querido. Aprofunda-se, assim, um hábito como modo de viver em busca de um fim procurado.

Este hábito interiorizado consiste na perpetuação de um processo constante de evolução temporal. Uma pessoa, embora individualizada pelo contraste com o ambiente que a cerca, constitui-se num contínuo processo dialógico. Este processo será mediatizado por um signo profundamente novo em sua constante produção, mas vitalmente inserido no passado, no qual já encontra representado o objeto.

Vemos assim que sem o ambiente semiótico não há sujeitos de conhecimento. A solidão à qual se impunha o *eu penso* de Kant é irrealizável e desnecessária. O pensamento é essencialmente dialógico.

Em Peirce, a personalidade é antes de tudo social, sendo a mesma semiose dialogante que confere estatuto à pessoa no caso de um indivíduo e que sustenta a sociedade, conferindo-lhe igualmente uma personalidade. Lauro F. B. da Silveira nos esclarece muito bem a esse respeito:

“Se pensamento por signos, este é estruturalmente dialógico e por isso jamais individualista; se articulado num contínuo temporal tensionado para o futuro para o qual, pelo presente, recupera todo o passado - o pensamento gerando pensamento -, o pensamento



pertence antes de tudo ao âmbito do social e só encontraria sua plenitude na totalidade da comunidade dos *apaixonados por aprender*.¹⁹

E ainda:

“A humanidade é pensamento e diálogo, e não somente ela, mas tudo aquilo que determina hábitos tendo em vista uma perfeição maior. O que vale aqui para a humanidade, vale para toda a noosfera e, em primeiríssimo lugar, a todo o cosmos.”²⁰

Para Peirce, o real em sua totalidade pode ser concebido semioticamente e, portanto, livre de qualquer constrangimento original, quer sob a forma de um sujeito anterior ao processo de pensamento, quer de um objeto que estivesse além de todo ato de pensar. Sua racionalidade implica na efetiva presença de leis dotadas de regularidade como hábitos de conduta, leis estas que encontram-se em constante evolução e cuja regularidade não é rígida. Na semiose, isto corresponderá à mobilidade criativa do atualizar-se de uma razão capaz de aprender com base na experiência.

Sendo assim, o real fenomênico - conjunto total do que perfaz o campo da experiência - manifesta-se pela conjugação de três modalidades de ser: o real é constituído pela correlação da potencialidade, como elemento de espontaneidade; da existência, como elemento de oposição, esforço e, dirá Peirce,

¹⁹ SILVEIRA, L. F. B., *O Caráter Dialógico e Social do Signo*, p. 27.

²⁰ SILVEIRA, L. F. B., *O 'Admirável Amazonas', metáfora do pensamento*.



força bruta, e da generalidade, como continuidade expressa na lei, nas mediações, no crescimento e no hábito.

Na semiose, o novo elaborar, por parte do *eu* crítico que surge no fluxo do tempo, do legado que lhe é oferecido já sob a forma de signo, manifesta a presença do elemento de *primeiridade*. Os esforços de persuasão que o *eu* passado realiza, carrega consigo a marca da *segundidade*. O contínuo em que se desenrola o processo dialógico vai, sob a forma de um hábito evolutivo, informando a personalidade em busca cada vez mais interiorizada do objeto ideal que irá realizá-la, aparecendo como uma regularidade que manifesta o traço de *terceiridade*.

Primeiridade, segundidade e terceiridade constituem as três categorias universais às quais Peirce reduziu os modos de ser da experiência. Passemos então ao estudo de cada uma delas. Iniciemos, para maior clareza, por examinar primeiro a Segunda Categoria.

Parece ser evidente, por nossa experiência mais precoce, que o transcurso deste mundo não se sujeita à nossa vontade:

“Estamos continuamente colidindo com o fato duro. Esperávamos uma coisa ou passivamente tomávamo-la por admissível e tínhamos sua imagem em nossas mentes, mas a experiência força esta idéia ao chão e nos compele a pensar muito diferentemente.” (CP, 1.324)²¹

²¹ IBRI, I.A., *Kósmos Noetós*, p. 07.



Há neste elemento da experiência uma consciência de dualidade entre duas coisas: uma que age e outra que reage ao modo da binaridade de forças, como quando você força, com o ombro, uma porta para que se abra. É uma idéia de esforço e, ao mesmo tempo, de resistência.

Assim é que no fenômeno surge a idéia de *outro*, de *alter*, de *alteridade*. Com ela aparece a idéia de *negação*, a partir da idéia elementar de que as coisas *não são* o que queremos que sejam nem, tampouco, são estatuídas pelas nossas concepções. A binaridade presente neste *se opor a* traz consigo a idéia de *segundo em relação a*, constituindo uma experiência direta, não mediatizada.

Há um elemento de conflito que consiste na “...ação mútua entre duas coisas sem considerar qualquer tipo de terceiro ou meio e, em particular, sem considerar qualquer lei ou ação.” (CP, 1.322)²²

Peirce adjetiva esta experiência de reação de *bruta*, pois ela traz de modo direto a força de um segundo, caracterizado por ser *esta coisa e não aquela*. A experiência direta com *isto* que *não é aquilo* se dá num recorte do espaço e do tempo, traçando os contornos deste objeto, que é forçado e reage contra a consciência como algo individual: “...uma reação tem uma individualidade.

²² IBRI, I.A., *Kósmos Noctós*, p. 07.



Ela acontece apenas uma vez. Se ela é repetida, a repetição é outra ocorrência, não importando quão parecida com a primeira ela possa ser.” (CP, 7.538)²³

Este caráter individual do segundo, que se opõe aqui e agora ao sujeito, conferindo-lhe uma experiência de dualidade, torna-se para o ego sua negação, ou seja, um não-ego: “Tornamo-nos conscientes do *eu* ao nos tornarmos conscientes do *não eu*.” (CP, 1.324)²⁴

O mundo como exterioridade assume, na experiência que está sob a segunda categoria, o caráter de não-ego pelo seu traço de alteridade revelado de modo *não mediato*.

A experiência, no seu matiz de alteridade, configurará o universo da segunda categoria, tornando-se fundamento central para o pensamento: “A idéia de *outro*, de *não*, torna-se o próprio pivô do pensamento. A este elemento eu dou o nome de segundidade.” (CP, 1.324)²⁵

A *Segundidade* traz no seu bojo a idéia de *segundo* em relação a um primeiro. E na idéia de *primeiro*, configura-se a categoria que Peirce denomina

²³ IBRI, I.A., *Kósmos Noctós*, p. 07.

²⁴ Ibid., p. 08.

²⁵ Ibid., p. 09.



Primeiridade. A própria palavra *primeiro* sugere que sob esta categoria não há o *outro*, ou seja, a experiência que a tipifica não traz consigo a alteridade.

“Entre os *fanerons*, há certas qualidades de sentimentos tais como a cor de magenta, o odor da rosa, o som do silvo de um trem, o sabor do quinino, a qualidade da emoção ao se contemplar uma bela demonstração matemática, a qualidade de sentimento do amor etc.” (CP, 1.304)²⁶

Estes elementos são o que são sem referência ou relação com qualquer outra coisa. Caracterizam-se por ser uma experiência imediata em que não há para a consciência um fluxo de tempo. Este estado de consciência tinge-se não pelo passado como alteridade nem pelo futuro por meio da intencionalidade de um plano, que é da natureza do pensamento. É uma consciência que está absolutamente no presente, na sua ruptura com passado e futuro.

A incondicionalidade do sentimento com relação ao tempo o distingue de algo factual:

“Um sentimento, então, não é evento, uma ocorrência, um acontecimento, uma vez que um acontecimento não pode ser o que é, a menos que existisse um tempo em que ele não aconteceu; e, assim, ele não é em si mesmo tudo o que ele é, mas é relativo a um estado prévio. Um sentimento é um *estado*, que assim é em sua totalidade, em todo momento de tempo e na medida em que ele dure.” (CP, 1.307)²⁷

²⁶ IBRI, I.A., *Kósmos Noctós*, p. 10.

²⁷ *Ibid.*, p. 11.



Este aspecto da qualidade de ser absolutamente primeira, é o que Peirce chama de talidade, por ser tal qual é e nada mais. Excluídos os aspectos de factualidade do passado e de intencionalidade do futuro, a forma lógica deste estado de consciência é a mera possibilidade:

“Aquela mera qualidade, ou talidade, não é em si mesma uma ocorrência, como o é ver um objeto vermelho; ela é um mero pode-ser. Seu único ser consiste no fato de que poderia existir tal peculiar e positiva talidade em um *faneron*.” (CP, 1.304)²⁸

Há uma diversidade incontável de qualidades de sentimento que, evidentemente, não se podem manifestar simultaneamente numa mesma consciência. É traço típico da primeira categoria esta variedade que se expressa pela sua liberdade de ser.

Esta diversidade e variedade também é observada de forma extraordinária na natureza. Segundo Peirce “...esta maravilhosa e infinita diversidade e multiplicidade das coisas é um sinal de espontaneidade... Eu diria melhor, é espontaneidade.” (CP, 1.160)²⁹

A terceira e última classe do universo fenomênico é a categoria de Terceiridade, que traz em si o elemento da mediação. Ou melhor, “Terceiridade, no sentido da categoria, é o mesmo que mediação.” (CP, 1.328)³⁰

²⁸ IBRI, I.A., *Kósmos Noctós*, p. 11.

²⁹ *Ibid.*, p. 12.

³⁰ *Ibid.*, p. 13.



A experiência de mediar entre duas coisas traduz-se numa experiência de síntese, numa consciência sintetizadora.

“Parece, então, que as verdadeiras categorias da consciência são: em primeiro lugar, o sentimento, a consciência que pode ser incluída com um instante de tempo, consciência passiva de qualidade, sem reconhecimento ou análise; em segundo, a consciência de interrupção no campo da consciência, sentido de resistência, de um fato externo, de alguma outra coisa; em terceiro, a *consciência sintética, ligação com o tempo, sentido de aprendizagem, pensamento.*” (CP, 1.377)³¹

Parece haver na mente uma tendência à generalização que busca subsumir ao conceito um número maior de fenômenos, tornando-o, por isso, mais geral. Experimentar a síntese, de outro lado, traz consigo o sentido de aprendizagem, de detecção de um novo conceito na consciência fazendo a mediação ser da natureza da cognição. Esta experiência como terceiro modo do fenômeno, traz, ao contrário das experiências imediatas de primeiro e segundo, um sentido de fluxo no tempo caracterizado na urdidura do processo de cognição.

O elemento cognitivo deve ser geral e ter o estatuto de representação:

“A terceira categoria é a idéia daquilo que é tal qual por ser um Terceiro ou Meio entre um Segundo e seu Primeiro. Isto é o mesmo que dizer que ele é *Representação* como

³¹ IBRI, I.A., Kósmos Noetós, p. 14 (devidamente corrigido após comparar com o texto original do filósofo).



um elemento do fenômeno.” (CP, 5.66)³² “*Terceiridade*, como eu uso o termo, é apenas um sinônimo para *Representação*...” (CP, 5.105)³³

Parece ser lícito inferir que o curso temporal da experiência como *resultado cognitivo do viver*, traduz-se na aquisição de *terceiridade*, ou seja, de mediações cuja tessitura frente ao mundo se confunde com a própria concepção de ego. Parece, também, que a experiência estrutura um vetor direcionado à *terceiridade*, na sua força compulsiva de *fazer pensar que*, expressa em representações gerais que constituem o pensamento mediativo.

Como elemento de mediação, o pensamento não poderá ser desvinculado do passado e destituído de intencionalidade para um futuro. No passado encontramos os recortes de espaço e tempo como condições de possibilidade da facticidade vivida e que, mediados, tornam-se por generalização a tessitura do ego. De outro lado, a cognição deve ter vínculo com o futuro como moldadora da conduta, da ação reduzindo a brutalidade do fato à inteligibilidade.

Assim antevemo-nos diante do confronto entre elementos gerais e particulares, na medida em que generalidade da *terceiridade* é representação de particulares e mediará a ação futura - ação que se dará num recorte do tempo e do espaço que caracteriza o universo de individuais da *segundidade*.

³² IBRI, I.A., *Kósmos Noctós*, p. 15.

³³ *Idem*, p. 15.



A Fenomenologia evidencia, pois, que a terceiridade parece ter uma extensionalidade no tempo, traçada pela sua natureza de instância mediadora entre o passado vivido e a ação futura.



CAPÍTULO III

OUVINDO OS PROTAGONISTAS

- PRINCIPAIS PONTOS OBSERVADOS -



O RELATÓRIO-SÍNTESE

Apresento a seguir a síntese elaborada a partir dos Relatórios de Observação, cuja pesquisa abrange o período de 26 de Outubro de 1996 a 13 de Maio de 1997. Trata-se de uma coletânea dos principais pontos observados durante a pesquisa de campo, que, segundo meu parecer, eram os mais relevantes para compreender a realidade pesquisada. Encontra-se aí a origem deste Relatório-síntese, constituído por 49 pontos de destaque, mais um anexo, que serviram de base para a análise semiótica efetuada a seguir.

III.1 - A VIDA NA FAVELA DO “RISCA FACA”

01 - Miséria:

Uma das realidades mais tristes e duras da favela é a fome. Muitas famílias passam por períodos de muita carência, pois é difícil viver com o pouco que ganham - a falta de dinheiro é uma constante. Mas a situação torna-se bastante precária quando não entra nenhum dinheiro em casa. Isso ocorre quando o marido não consegue trabalho. Em outros casos o marido não se importa, vive



bebendo, e a mulher tem que se arrumar para ajeitar a situação, o que nem sempre é possível. Quando isso ocorre, é comum dar para as crianças água com açúcar para saciar a fome.

O desemprego é outra dura realidade. A maioria dos homens trabalha em ocupações informais, os chamados “bicos”. Uma semana estão aqui, outra ali e numa outra semana estão parados. Normalmente trabalham como serventes de pedreiros. As mulheres fazem faxina ou trabalham de doméstica. Mas muitas ficam em casa, seja por cuidar dos muitos filhos, seja por não conseguirem trabalho. Muita gente não as contrata quando verificam que moram em favelas. E há ainda as épocas difíceis, como no início do ano de 1997, quando choveu por mais de uma semana e os homens não puderam trabalhar. Ai a fome aperta. E há os que não trabalham, alguns vivem só bebendo; para sobreviver conseguem alguma coisa aqui, outra ali, e vão vivendo.

Todos vivem em barracos, alguns melhores outros piores, dependendo da situação da família. Quando os barracos são ruins, as famílias sofrem nas épocas de chuvas. A água da chuva entra no barraco, principalmente por baixo. Em dias de chuvas fortes, uma verdadeira enxurrada passa pelo chão de alguns barracos.



Em uma situação tão precária, é fácil imaginar que as mínimas condições de higiene não são alcançadas. A maioria das crianças anda descalça, por mais que seus pais insistam para que andem calçados. Com tudo isso, estar doente é muito comum, principalmente para as crianças.

Com relação à água que utilizam, eles fazem ligações clandestinas a partir da rede pública. De um barraco vão puxando água para outros mais abaixo. Também utilizam minas que brotam em alguns pontos da favela, mas não é uma água muito saudável. Há animais, como cavalos e cachorros, que vivem soltos na favela. Sem falar nas crianças pequenas que fazem suas necessidades fisiológicas em qualquer lugar.

A energia elétrica funciona no mesmo esquema: o barraco que está em frente à rua têm um poste de luz e de sua casa saem fios para duas ou três casas vizinhas, repartindo entre si as despesas de energia elétrica, que é mais cara devido a esse tipo de ligação que eles fazem e, provavelmente, pelo tipo de material que utilizam para fazê-la.

Um outro problema grave são as drogas. Há não apenas consumidores mas também traficantes, e não apenas de maconha mas até mesmo de craque. Não é raro a polícia aparecer pela favela, com armas pesadas, à procura de alguém.



Fumam-se muitos cigarros também. Certa vez ficamos sabendo que uma mãe estava dando cigarro ao filho de apenas 05 anos de idade.

02 - Vivência do imediato:

As Mulheres³⁴ que participam do Grupo de Mulheres³⁵ não fazem muitas projeções para o futuro. Mesmo porque se o futuro é uma incógnita para todos, quanto mais para aquelas pessoas que vivem em situações tão precárias. Preocupam-se com o dinheiro para comer hoje ou esta semana. Quanto aos demais dias, depois se verá.

03 - Mães jovens:

Normalmente as mulheres tornam-se mães muito jovens e têm muitos filhos. Por serem novas, os médicos não as operam para não ter mais filhos. Com isso, ocorrem casos curiosos como o da irmã da Santina³⁶, que ficou grávida quase ao mesmo tempo que sua filha. Ela foi mãe e avó em um espaço de tempo de dois ou três meses. A história se repete: foi assim com suas mães, está sendo assim com elas e, provavelmente, o será com suas filhas.

³⁴ A maioria dos dados foram observados e coletados a partir das atividades do Grupo de Mulheres. No entanto, tais informações, que se referem a essas mulheres que participam do grupo, de um modo geral, podem também ser estendidas às demais pessoas da favela. Em geral, são características comuns aos moradores do local.

³⁵ Ver Capítulo I.3, composição atual do Grupo de Mulheres.

³⁶ Ver Capítulo I.3, composição atual do Grupo de Mulheres, item 07.



04 - Situação do homem e da mulher:

Numa comparação entre o homem e a mulher, esta sempre sai perdendo porque sempre sobra para ela o mais pesado. Ela assume toda a criação dos filhos e também as responsabilidades da casa. Algumas também trabalham fora. Então, têm que dar conta de tudo. O marido trabalha fora, mas alguns nem isso fazem, ou melhor, não fazem nada. E a grande maioria bebe, principalmente quando não trabalha. Mas no Natal de 1996 inverteram-se os papéis: as mulheres beberam, brincaram e dançaram muito, e os homens beberam menos, além de ficar com ciúmes. Porém, por um aspecto, é até bom quando os homens bebem: se por um lado, uma vez bêbados, importunam e até maltratam suas esposas, por outro, é nesse estado que eles mostram o que realmente sentem. É o caso relatado a seguir.

05 - Caso do Sr. João:

É dono de um boteco no fundo da favela. Um dia estava meio bêbado e topou comigo numa das entradas da favela e começou a me questionar sobre um monte de coisas.

Disse-me para resolver logo o problema das casas populares³⁷ ou, então, dizer de uma vez que não vão sair. Via-me como responsável por esse problema e também como representante da Associação de Moradores local -

³⁷ Conforme especificado no Capítulo I.2, tentativa de desfavelamento a partir da construção de casas populares, na forma de mutirão, para os moradores desta favela.



quando na verdade minha relação com a Associação de Moradores é apenas de ajuda-mútua.

Falou de um problema de cestas-básica mal repartidas e que eu - e as outras pessoas que visitam a favela - é que somos responsáveis por isso (até hoje não entendi de que se tratava). Por sua fala, percebi que me vê como qualquer outro que desce por lá, promete e não faz nada.

Na ocasião pensei ter errado em não envolvê-los no processo do desfavelamento, que precisava haver maior comunicação com todos os moradores e não apenas com um grupo mais participativo. Hoje não tenho tanta certeza disso: eles têm suas próprias rivalidades, suas diferenças, e se não é fácil conseguir trabalhar com um grupo, quanto mais com toda a favela. Poderia-se perguntar se não seria preciso, além de trabalhar com as mulheres, também trabalhar com os homens? Quando comentei isso com um deles, no dia seguinte os homens todos sumiram da frente da favela no horário em que nós a visitamos. Foram todos para o fundo da favela.

06 - Conversa com D. Idalina:

Encontrei-me com esta senhora num dia em que estava muito triste e precisando desabafar por tantos problemas. Com muita confiança e espontaneidade ela foi me contando coisas de sua vida. Chegou a chorar ao contar-me as angústias de sua vida e os anseios que possui e que nunca consegue



alcançar. No final disse que é assim mesmo, mas que tem fé que um dia Deus vai ajudá-la a melhorar.

Esta experiência despertou em mim muitos questionamentos e sentimentos de impotência e de revolta. Fez-me pensar que nós não conseguimos atingir os mais pobres do lugar, que, como essa senhora, moram no fundo da favela.

07 - Crianças:

As crianças são arteiras e levadas - tem-se até a impressão de que lá são mais que em outros lugares - talvez porque vivam soltas, a mãe não tem tempo e nem condições de cuidar de tantos filhos: fazem o que querem, aprendem o que querem. Além do mais, desde cedo têm que aprender a se virar sozinhas e até a cuidar dos irmãos menores. Daí serem mais atrevidas e independentes.

Um caso ocorrido com um filho da Santina pode ilustrar essa idéia. Ele trabalhava para um homem que lhe pagava um pouco - não o salário inteiro - e lhe dava remédios, comida, roupas... Mesmo assim, ele roubou um cheque do patrão e tentou descontá-lo. O homem ficou muito bravo, despediu-o e não pagou nada do que ele tinha direito. Sua mãe precisava do dinheiro e ficou sem nada. Tal fato fez-me refletir sobre o que passaria pela cabeça dessa criança para ter feito isto.



08 - Filho da Rosa³⁸:

Certa vez quando fui à favela com um conselheiro tutelar, o filho da Rosa chorava muito enquanto conversavam e ninguém se incomodava. Tirei o menino do carrinho e continuou chorando. Só eu estranhei a cena e me incomodei, o restante das pessoas ficou indiferente. É tão normal crianças chorarem e são tantas, que se as mães percebem que não é nada mais sério não se importam muito. Não fosse assim elas não agüentariam essa vida.

09 - Estudo do texto bíblico das Bem-aventuranças:

Quando refletimos sobre este trecho da Bíblia³⁹ no Grupo de Mulheres, estas identificaram os bem-aventurados com pessoas praticamente santas. Não se enxergaram nos bem-aventurados (os pobres, os aflitos, os famintos e sedentos de justiça), como a mensagem do texto bíblico sugere. Parece que elas assimilaram uma determinada noção de pureza que a sociedade passa, também presente na fala de alguns evangélicos que visitam a favela, de que pobres são sujos, pecadores, vivem de forma irregular... enfim, não prestam.

10 - Caso da Ângela:

Ângela é uma antiga moradora da favela que mudou-se para um outro local por problemas de intrigas. Era uma pessoa que se destacava um pouco das demais, podendo até ser uma líder ali dentro, mas também provocava muitas

³⁸ Ver Capítulo I.3, composição atual do Grupo de Mulheres, item 04.

³⁹ Cf. Evangelho de São Mateus, capítulo 05.



discórdias entre alguns moradores. Certo dia que a encontrei, contou-me como são algumas coisas na favela, onde segundo ela vigora a lei do cão. Isto levou-me a considerar que:

- não temos acesso a toda a realidade da favela - mulheres do grupo não passam para nós tudo o que acontece por lá, além daquilo que já conhecemos;
- é significativo, por exemplo, que as mulheres da parte de baixo da favela não mais participam do Grupo de Mulheres.⁴⁰

11 - Fotos das crianças e dos barracos:

Certa vez, fui tirar uma foto de um recém-nascido e acabei fotografando várias crianças e pessoas. Mas as pessoas fotografadas não queriam que eu tirasse fotos dos barracos, nem por dentro e nem por fora. Escolhiam lugares no quintal que não eram, segundo seu critério, tão ruins. Nos casos em que fotografei dentro do barraco, as pessoas procuravam dar uma ajeitada para que parecesse o menos “feio” possível.

12 - Barraco da Rosa:

A mulher de nome Rosa em questão, não é a Rosa que participa do Grupo de Mulheres. Esta até já participou uma época, mas faz muito tempo que não participa. Acontece que ela leva uma vida que nós consideraríamos muito desregrada e promíscua. E assim também o consideraram os outros moradores da

⁴⁰ Ver fato relatado no Capítulo I.2, histórico do Grupo de Mulheres.



favela que lhe são vizinhos. Não gostaram das constantes brigas e de outras coisas que aconteciam em seu barraco. Por isso, aproveitando uma oportunidade em que ela estava ausente, os vizinhos juntaram-se e derrubaram completamente o seu barraco. Ela o reconstruiu bem mais embaixo, no fundo da favela, e continuou sua vida do mesmo jeito que antes.

13 - Projeto de desfavelamento⁴¹:

No processo de organização para conseguir aprovar o Projeto de Construção das casas populares através de mutirão, não era difícil reunir a maioria dos moradores para conversar sobre o assunto. Porém, não era nada fácil envolvê-los nas atividades de reivindicação. Para ir falar com autoridades, por exemplo, era apenas alguns que se dispunham a ir. Demonstravam sempre uma atitude passiva, de deixar que nós fôssemos atrás do que era preciso e apenas lhe comunicássemos como estavam indo as coisas. Isso sem falar naqueles que vivem no fundo da favela, totalmente à margem, que não se envolvem com nada e nem têm acesso a essas discussões ou a pequenos benefícios ou doações de que dispõem outros moradores.

⁴¹ Ver Capítulo I.2, histórico do Grupo de Mulheres, em que são apontadas algumas iniciativas do grupo.



III.2 - O ACESSO À SAÚDE

14 - Hospital:

Com todas as condições acima descritas, é fácil perceber que a saúde é um elemento bastante ausente na vida dessas pessoas. E quando ficam doentes é difícil conseguir um atendimento. Se já é difícil o atendimento para a grande maioria da população brasileira, quanto mais para pessoas que vivem tão à margem. O hospital, por exemplo, só é procurado por eles quando o problema é grave. Para casos simples, sabendo como o atendimento é ruim, nem o procuram. Para ilustrar o péssimo atendimento dos hospitais, basta tomar o caso do marido da Rose⁴²: foi diagnosticado de uma forma e o problema era mais grave. Gastou o que não tinha com remédios sem solução. O problema se complicou e foi submetido às pressas a uma cirurgia.

15 - Conselhos médicos:

Os conselhos médicos são inúteis para a realidade da favela, devido à enorme falta de condições sanitárias. Um exemplo é o caso do filho da Cristina⁴³: o médico disse que ele não podia ter contato com umidade de forma alguma. A mãe deu risada e falou para o médico ir ver onde morava. É uma parte da favela que é minada e, em épocas de chuva, vive correndo água direto. Umidade é o que não falta, mesmo em épocas de seca. E as crianças ficam o dia inteiro

⁴² Ver Capítulo I.3, composição atual do Grupo de Mulheres, item 05.

⁴³ Ver Capítulo I.3, composição atual do Grupo de Mulheres, item 02.



descalças. Com tantos filhos Cristina não dá conta de olhar por todos eles e ver se estão calçados ou brincando aqui ou ali.

16 - Para chamar o serviço de resgate:

Em situações de emergência, para chamar o serviço de resgate e ele atender, não se pode dizer que é para alguém que passou mal, por exemplo, por causa da bebida. Então, algumas mulheres passaram a dizer que é para atender uma mulher que está para dar a luz. Aí o resgate vem. E quando chega, mesmo constatando que não era esse o problema, já que veio até o local, leva o doente para ser atendido. A estratégia funcionou por algum tempo.

III.3 - O GRUPO DE MULHERES

17 - Como é o grupo:

O grupo, segundo as mulheres:

- lugar de sentir-se como grupo;
- lugar da partilha da vida, dos problemas, das alegrias...
- lugar para conhecer melhor as outras pessoas com quem não tinham muito convívio;
- lugar para aprender a fazer o sabão;
- lugar para aprender a Bíblia, a cantar, a estar juntas;

Além disso, pode-se ressaltar que:

- não transparecem seus problemas durante a reunião. Na reunião fala-se dos problemas e assuntos comunitários. Os problemas particulares só são comentados pessoalmente ou quando a Ir. Maria do Carmo, a Vera e eu⁴⁴ visitamos suas casas. Ainda não há esse espaço no grupo para falarmos dos problemas de cada uma. Só superficialmente. Porém, todas elas sabem o que acontece com as demais;
- cobram se prometemos alguma coisa - nem que seja uma simples música que tenhamos ficado de ensiná-las;
- para algumas coisas têm mais liberdade comigo. Por exemplo, quando as mulheres beberam na noite de natal. Para mim contaram logo, mas para a Ir. Maria do Carmo e para a Vera ficaram sem jeito de contar, mas acabaram contando;
- para outras coisas têm mais liberdade com a Ir. Maria do Carmo, por exemplo para pedir remédios ou mantimentos - é a “irmã de caridade”; e com a Vera, por exemplo, para pedir dinheiro emprestado - a Vera é mais ou menos a imagem da patroa.

18 - Reflexões em grupo:

No Grupo de Mulheres fazemos reflexões como em outros grupos da Igreja. Mas ali é diferente: é difícil manter o fio da meada; normalmente cai-se em outros assuntos, para depois voltar ao que estava sendo discutido. Dispersa-se bastante.

⁴⁴ Ver Capítulo I.3, composição atual do Grupo de Mulheres, itens 09, 10 e 11.



19 - Relação do Grupo de Mulheres com a Paróquia:

Na estrutura de funcionamento da Igreja Católica, uma Paróquia abrange uma pequena parcela da cidade, normalmente alguns bairros, nos quais cria comunidades que possam atender os fiéis dessa região. Ali na favela, o Grupo de Mulheres deu ao local onde se reúnem, bem como aos trabalhos que ali se realizam, o nome de Comunidade Sagrado Coração de Jesus. Em princípio, o Grupo de Mulheres faria parte da Paróquia Santa Rita de Cássia, recebendo desta apoio e ajuda, mas também tendo de submeter-se à sua apreciação e decisões.

Por enquanto, apesar de ser uma comunidade da referida Paróquia, o grupo ainda mantém sua independência em relação a ela. Mas com o tempo, a tendência é aumentar o entrosamento com a Paróquia. A pergunta que se coloca é se isto vai ser bom ou não para o grupo. Será que este não vai sofrer, por parte da Paróquia, influências e interferências não desejáveis?

Por outro lado, já há um envolvimento com suas conseqüências. Por exemplo, a nível de Paróquia já houve problemas com uma coordenadora de outros trabalhos comunitários nos quais as mulheres estão envolvidas. Os membros do Grupo já têm muitos problemas ali onde moram, não precisam ter de sofrer a influência dos problemas de outros lugares. E provavelmente é isso o que vai acontecer, quando essa comunidade realmente for assumida pela Paróquia. Mas por enquanto, as mulheres ainda nem sabem direito o que é Paróquia. E isto as



mantêm isentas de uma série de conflitos que ocorrem entre comunidades e entre estas e a administração da Paróquia.

20 - Formando capacidade de organização:

Em sua caminhada, o Grupo de Mulheres foi se animando e as próprias mulheres têm assumido mais as atividades da comunidade. Principalmente uma delas, a Cida⁴⁵, que tem demonstrado maior interesse e vontade de participar.

Para ilustrar, podem ser citados alguns exemplos. O caso de uma vizinha que pediu o salão para uma festa de aniversário. A Cida assumiu e se responsabilizou por tudo. Com o sabão a mesma coisa: as mulheres foram atrás de receitas que pudessem proporcionar um sabão melhor e sem muito trabalho. Quanto ao bazar, elas insistiram que fosse realizado ali mesmo e deram as idéias de como poderiam realizá-lo. Marcaram o preço e cuidaram da venda das roupas. Inclusive, puseram uma placa de informação na frente do salão, avisando do bazar e de uma reunião para resolver o problema da moradia.

Porém, ultimamente o grupo tem decaído em iniciativa e em animação. As mulheres já não estão tomando tanto a frente nas coisas, perderam um pouco do entusiasmo de antes, sem falar que esperam muito por nós (Ir. Maria do Carmo, Vera e eu), que nós decidamos as coisas por elas.

⁴⁵ Ver Capítulo I.3, composição atual do Grupo de Mulheres, item 01.



Refletindo sobre isso com a Maria do Carmo e a Vera, pensamos que as mulheres acreditavam obter mais retorno do trabalho com o sabão, mas não estão conseguindo vender como esperavam. Da mesma forma, mesmo não acreditando muito, elas sonhavam com o projeto de desfavelamento⁴⁶ e queriam que tivesse dado certo. E, por outro lado, elas estão vendo ser loteada toda a área ao redor da favela, e ouvem comentários de que a mesma será transferida para outro lugar. Certamente esses fatos levaram as mulheres a sentirem-se frustradas.

Em nossa avaliação, comentamos que nós só conseguimos ir até um certo ponto em nosso trabalho com o Grupo de Mulheres, principalmente por um fator de tempo; e que por isso não tenhamos conseguido ajudá-las a ir um pouco mais além de suas condições tão precárias. É como se nós não mais representássemos para elas uma esperança, passando a ser apenas uma presença.

Por tudo isso, somando-se às condições tão adversas em que vivem na favela, é que provavelmente o Grupo de Mulheres esteja desanimado e tenha perdido em criatividade e em iniciativa.

⁴⁶ Cf. item nº. 13, deste capítulo.



21 - Celebração do início do ano de 97:

As mulheres assumiram todo o trabalho de preparação da celebração e a ele se dedicaram muito: ajudaram a escolher as músicas que iríamos cantar, ensaiaram bastante e cantaram muito bem. Durante a celebração, quando o padre lhes perguntava coisas, respondiam e assim ajudavam na reflexão da leitura da Bíblia que fora lida. Participaram de todo o processo da celebração com responsabilidade, mas do jeito delas: no dia da celebração, tudo saiu com atraso, correria e meio desorganizado.

É o nosso jeito de fazer as coisas ali na favela: com correria e atraso. Já estamos acostumados. Uma total ausência de institucionalização. Por exemplo, cantamos músicas nada apropriadas para o tempo litúrgico que as comunidades da Igreja estavam vivendo naquele momento, que era a Quaresma. E uma religiosa nos chamou a atenção para esse fato.

Também fiquei imaginando o que seria a figura do padre para elas: aquele homem todo paramentado, no centro do salão, presidindo a celebração. Elas têm um sentido do religioso e do sagrado muito forte. E o padre parece representar esse mundo ao qual elas só têm acesso por ritos e práticas: rezas, terços, benzeduras... é, mais ou menos, a mesma visão que têm as pessoas simples e mais humildes. É alguém que está um pouco separado de nós, com poder para fazer algumas práticas religiosas que nós não possuímos. Apesar que essa



mentalidade não está presente apenas nas classes humildes, mas nelas é mais acentuado.

22 - Sabão:

As mulheres descobriram um jeito fácil de fazer sabão. Mas dependem muito da Cida para fazê-lo. Se não é ela tomar a iniciativa e chamar as outras, e, no momento de fazer o sabão, tomar a frente nos preparativos, o sabão não sai. Além do mais estão com muita dificuldade para vendê-lo. Esperam que nós que vamos lá ajudá-las, tomemos a iniciativa, ou que outros grupos interessados em ajudar vendam para elas.

É a cultura do paternalismo: esperam os “bons” fazerem por elas. Acontece o mesmo na hora de resolver os problemas comunitários, como o do vizinho que queria pegar água do salão comunitário para construir seu barraco ao lado. Procuram deixar para nós decidirmos o que deve ser feito - parece até que o salão é nosso e não da comunidade que ali se reúne. E de fato, como não ajudaram a construí-lo, vêem como algo que não é delas e, por isso, não se sentem à vontade para dizer algo a respeito. Da mesma forma, não contam para nós o que acontece na favela, seus problemas internos.

23 - Experiência do amigo secreto:

Resolvemos fazer uma confraternização no final do ano de 1996. Para animar a festa, decidimos fazer a brincadeira do “amigo secreto”: cada um



sorteia um nome de alguém do grupo, e no dia da festa revela seu amigo secreto dando-lhe um presente. A maioria das mulheres nunca tinha participado dessa brincadeira. Ficaram super curiosas e ficavam perguntando umas às outras quem haviam tirado, e chegaram a descobrir o amigo secreto de algumas. De tanta ansiedade houve até quem chegou a roer as unhas. As mulheres disseram ter gostado muito da festa, principalmente das brincadeiras que fizemos.

24 - O que é ser mulher:

No dia Mulher⁴⁷, provocamos uma conversa entre elas a partir da pergunta o que é ser mulher. A resposta era a esperada. Somente duas que não têm muitos problemas com seus maridos não reclamaram. Para as outras é ruim, péssimo: reclamaram muito dos maridos mas dos filhos não tanto. A pergunta que logo vêm à mente é como conseguem suportar essa vida? Quais mecanismos criam para conseguir conviver com sua situação?

25 - A psicóloga:

A partir dessa conversa sobre o que é ser mulher, apresentei a sugestão de levar uma psicóloga para conversar com elas. A princípio todas ficaram com “um pé atrás”, até a irmã Maria do Carmo. Depois decidiram que no dia só estariam as mulheres para poderem ficar mais à vontade. No final, após a

⁴⁷ Dia Internacional da Mulher: 08 de Março.



conversa com a psicóloga, descobriram o valor da experiência. Foi muito rico e conseguiram se entrosar muito bem com ela.⁴⁸

26 - Minha presença no grupo:

Sou o único homem do grupo. Às vezes pergunto-me como as mulheres me vêem, como percebem a minha presença ali, no meio delas. Percebo que desperto a simpatia das mulheres porque sou solteiro, atencioso, ajudo no que é possível, ouço... Talvez o companheiro que elas gostariam de ter. Percebo também que desperto certos sentimentos em algumas mulheres, pelas reações que algumas vezes demonstram ou pelas brincadeiras que às vezes fazem.

Em todo caso, conforme já assinalado acima, não me vêem da mesma forma que vêem a Ir. Maria do Carmo ou a Vera. Por exemplo, eu consegui um medicamento para a filha da Santina e depois ela me perguntou quanto tinha custado o remédio. Nunca vi fazer isso com a Ir. Maria do Carmo. É que ela é a “irmã de caridade”, está aí para isso. Eu não.

Por outro lado, ali na favela, sempre acabo conversando mais com mulheres do que com homens. Com os homens é mais difícil de se aproximar - nunca se sabe a reação. Percebo que tenho medo de conversar com eles - preocupo-me, por exemplo, com problemas de ciúmes. São mais fechados e desconfiados do que a maioria das mulheres.

⁴⁸ Ver anexo C, p. 148, avaliação da conversa com as mulheres feita com a psicóloga.



III.4 - A RELIGIÃO

27 - Oração final:

Sempre terminamos nossos encontros do Grupo de Mulheres com uma oração. Nessa oração, elas costumam fazer pedidos de ajuda para doenças, desemprego, família etc. E normalmente seguem uma mesma hierarquia para os pedidos:

- Primeiro para si e pelos seus;
- Segundo para outras pessoas do grupo;
- Terceiro para conhecidos da favela ou de outros lugares.

Isso já é um grande avanço, porque no início quase ninguém fazia uma oração em voz alta, e, quando o fazia, rezava somente para si. Não havia essa solidariedade na oração, de rezar uns pelos outros. E conforme já foi afirmado acima, essas pessoas têm um sentido do religioso e do sagrado muito forte, por isso levam muito a sério esse momento e rezam com muita profundidade.

28 - Catequese:

Foi iniciado um trabalho de catequese com as crianças. A iniciativa foi de uma catequista que sempre acompanhou o trabalho na favela. Mas a catequese não tem dado certo, não tem conseguido despertar o interesse das



crianças e nem dos pais que não incentivam os filhos a participar. Diante disso, pergunto-me:

- o que a catequese significa para as crianças? E para seus pais? Tem um aspecto religioso ou é uma atividade como tantas outras?
- Será que catequistas reproduzem a escola no seu trabalho de catequese e daí o desinteresse das crianças, já que também não se adaptam à escola?
- O fato de ter levado as crianças para um outro local, por não estar conseguindo trabalhar com elas ali - pelo alvoroço que elas fazem - em que medida influenciou no fracasso dessa iniciativa?

Vera acredita que o fato de ter levado as crianças para um outro local, e não ter trabalhado com elas ali mesmo, foi um dos fatores que contribuiu para que a iniciativa não desse certo. E, para comprovar isso, cita o exemplo do sabão, que conseguiu algum resultado porque é feito ali mesmo na favela, pelas próprias mulheres.

Maria do Carmo também concorda. Avisou os catequistas que era preciso dar um tempo, esperar passar a novidade do que estava acontecendo. Porque para as crianças era tudo festa: elas entravam e saíam, faziam o que queriam, porque é assim que estão acostumadas a viver na favela. Quando se acalmassem, então seria possível impor um ritmo de trabalho. E deu o exemplo do Grupo de Mulheres: quando foi construído o salão, era quase impossível conversar com as mulheres, porque as crianças entravam e saíam, brincavam, corriam... agora

não. Elas já sabem do que se trata e nem entram mais no salão quando o Grupo está reunido.

29 - Dança do xote:

Certa vez quando tentamos ensinar uma música no estilo xote, aproveitamos para dançar um pouco. Mas nem todas dançaram. No entanto, as crianças fizeram a festa. As mulheres não dançaram provavelmente por vergonha: se fosse num forró tudo bem, mas não ali que tem a ver com Igreja, religião, comunidade.

Tempos depois desse ocorrido, uma frase dita pela Regina⁴⁹ ilustrou bem essa visão das mulheres. Talvez pelo fato de o tempo estar nublado para chuva, estava todo mundo meio inquieto e agitado, tanto as crianças quanto os adultos. Então alguém reclamou da bagunça e a Regina reforçou, dizendo que tudo bem que estavam na favela, que é bagunçada mesmo, “mas não aqui dentro”. Daí eu perguntei o porquê: “o que é aqui dentro?”. Ela foi pega de surpresa, ficou meio sem jeito, mas respondeu: “aqui é o lugar do culto”.

O mesmo aconteceu com uma canção que falava de negros. Não quiseram nem cantar. Talvez por falta de consciência negra. Tentamos conversar sobre isso, mas não falaram o porquê. Só disseram que isso de dançar música de

⁴⁹ Ver Capítulo I.3, composição atual do Grupo de Mulheres, item 03.



negro não ia dar certo. Mas algum tempo depois, conseguimos cantar e dançar essas duas músicas. E não houve problemas.

30 - Tempo Litúrgico da Quaresma:

A igreja possui momentos específicos durante o ano civil, em que determinada espiritualidade ou aspecto é enfatizada. Um deles é a Quaresma, que acontece logo após o carnaval, e se caracteriza por ser um momento de reflexão e de conversão.

Mas para o Grupo de Mulheres, bem como para algumas pessoas próximas a elas que estavam presentes no dia em que refletimos sobre esse assunto, Quaresma é tempo de lobisomem e de jejum de carne. Por mais que se explicasse o seu verdadeiro sentido, foi a idéia que prevaleceu.

Possuem sentido do sagrado e do religioso, mas não da religião. Normalmente misturam muitas coisas e crenças populares. Mantém com a religião uma relação supersticiosa e com marcas do catolicismo tradicional. Em determinados momentos aparenta ser uma religião fundamentalista, quando, por exemplo, buscam na religião a explicação possível para o que lhes acontece: tanta miséria e tantas coisas difíceis de serem explicadas, só podem ser coisa do demônio. Nós tentamos explicar-lhes pela via da injustiça presente na sociedade e que as atinge diretamente. Mas para elas esse é um dado alheio à sua vivência cotidiana, não está interiorizado.

31 - Sexta-Feira Santa:

Para as mulheres é um dia santo, mas para os homens não parece ser um dia muito diferente de outros feriados. Mas nota-se um certo ar de respeito. Mesmo assim, os homens beberam. É o caso do Sr. Geraldo, que não mora ali na favela, mas está sempre por lá. Sua esposa reclama muito por ele beber. Nesse dia ele assistiu com a gente, a convite do pai da Rosa, um filme sobre a vida de Jesus Cristo. Mas quando chegou, mais tarde, em sua casa, estava bêbado. Talvez já esteja dependente e não pôde evitar a bebida.

32 - Filme sobre a vida de Jesus Cristo:

A sala do salão ficou cheia, principalmente de crianças. As pessoas prestaram atenção, mas não conseguiram ficar todo o tempo atentos, pois se cansavam, principalmente com as cenas mais paradas. O volume da TV era alto. Normalmente é mais ou menos assim nas casas deles. Achei interessante a disposição da sala:

- à frente e brigando por espaço, estavam as crianças;
- no meio, as mulheres e o pai da Rosa (que é muito religioso);
- no fundo, os homens que o pai da Rosa havia convidado e alguns adolescentes.

Em geral, todos se envolveram muito com o filme, principalmente nas cenas de milagres e da paixão de Cristo. As mulheres se envolveram mais. A Cristina, por exemplo, até saiu da sala nos momentos de torturas. Depois disse que não conseguia presenciar todo aquele sofrimento. Eles

pareciam se identificar bastante com Jesus ou talvez com os pobres que ele atendeu.

III.5 - DO PONTO DE VISTA DELES

33 - Exigências legais:

Como é diferente analisar as coisas a partir do ponto de vista dessas pessoas. Até direitos se tornam um peso para eles, pela dificuldade do acesso aos mesmos. É o caso da escola dos filhos da Santana. Eles acabam não indo à escola, seja porque se desanimam seja porque têm que ajudar a mãe trabalhando. Aí ela tem que ficar se explicando aos órgãos competentes quanto à ausência de seus filhos. O que é um problema, porque ela não tem nem tempo e nem dinheiro para correr atrás dessas coisas.

Em outro caso, a Cida foi com uma de suas irmãs a pé - não tinha dinheiro para o ônibus - até a Secretaria do Bem-estar Social para buscar os tickets de leite que ganham todo mês. Chegando lá não puderam pegar os tickets, porque a pessoa responsável havia saído e não sabiam se voltava. Elas tiveram que voltar a pé de novo, de mãos vazias. Então, sua irmã passou mal e foram parar no hospital.



Um outro exemplo, é o registro civil do filho mais novo da Francisca, que faz tempo que ela está tentando obtê-lo. Conseguiu uma senha na Secretaria do Bem-estar Social para não precisar pagar por esse direito. Mas no cartório não registraram o filho porque precisava do pai. Depois, algumas pessoas a instruíram que poderia registrar sem o pai. Só que agora ela já não consegue mais pegar a senha na Secretaria do Bem-estar Social e também não tem o dinheiro para pagar o custo do Registro.

34 - Controle de natalidade:

É um outro problema sério. Em se tratando de evitar filhos, é a mulher quem tem de se ocupar dessa função porque os homens não o fazem. Algumas conseguem remédios anticoncepcionais nos postos de saúde - porque são caros demais para serem comprados - e os tomam. Outras dizem utilizar ervas e certas bebidas, que incluem até mesmo a pinga, que aprendem a fazer com vizinhas.⁵⁰ Quanto à tabelinha, o marido da Santana, por exemplo, comentou que é ruim ter a mulher em casa e ter de se controlar. O médico, apesar de elas terem muitos filhos, não aceita fazer a cirurgia para que não tenham mais filhos - deve ter suas razões. E os maridos não aceitam se submeter a uma cirurgia. Segundo Cida, isto é devido a uma mentalidade bastante machista.

⁵⁰ É sabido que essas ervas não servem como anticoncepcionais. Na verdade, são utilizadas para abortar.



35 - Bazar da pechincha:

Conseguimos roupas usadas e as mulheres mesmas organizaram o bazar, com uma pequena ajuda nossa. Só houve um problema: nós estamos acostumados a fazer bazares desse tipo para outros comprarem, principalmente os mais pobres - nós não compramos. No caso delas, é diferente. Além de vender, elas também queriam comprar os produtos porque também são pobres. Ao não prever esse dado, não determinamos como isso deveria ter sido feito, o que ocasionou algumas insatisfações e aborrecimentos.

36 - Férias de Janeiro:

Quando chegou o mês de Janeiro, Maria do Carmo, Vera, e eu quisemos parar um pouco com as reuniões que fazemos semanalmente. Para nós era verão, férias de escola, época de ir visitar alguém, viajar... Mas para elas não é nada disso. A maioria das crianças de lá nem escola freqüentam. Para essas mulheres não mudou nada; excetuando a temperatura, é tudo a mesma coisa. Elas não entenderam o porquê da parada e, duas semanas depois, quando fomos fazer uma visita para ver como estavam, reclamaram que “fazia meses” que não íamos por lá. Uma delas disse que ia mudar de religião se não voltássemos etc. Aí, com tanta reclamação, acabamos voltando.

37 - Conselhos Médicos:

Conforme já foi dito acima, os conselhos médicos são inúteis para a realidade dessa favela pela enorme falta de condições sanitárias. Não é

possível fazer um bom tratamento médico, sem solucionar as condições precárias em que vivem. Enquanto não acontecer isso, para muitos casos, não ajudará muito ir até o médico. Só se gastará o que não se tem.

38 - Banheiro com vaso e descarga:

Um grupo de vizinhos, na parte da favela onde mora Santana, reuniu-se e decidiu fazer um banheiro com vaso e descarga. Mas não funcionou, porque as crianças não sabiam usá-lo: iam sempre brincar com o banheiro, usavam e não davam descarga, entupiam o vaso sanitário... Até que todo mundo desistiu e agora está abandonado e depredado.

39 - Sr. Pedrinho e D. Aparecida:

Certo dia, esse Senhor veio pedir ajuda para chamar uma ambulância para sua esposa. Eles bebem muito e vivem pelas ruas esmolando. Fomos até seu barraco, vimos a situação e tentamos convencer a mulher a ir ao hospital. As mulheres do grupo não se mobilizaram muito. Já estão acostumadas com o casal e sabem que não tem jeito.

Fui então chamar a ambulância, que demorou para vir. Quando veio, não foi nenhum dos parentes com eles. Só o casal, que por sinal estava bêbado. Aí, então, nos disseram o que provavelmente ocorreria. Ele não deixaria a mulher ficar internada, iria colocá-la para pedir esmola na rua e conseguir o



dinheiro para voltar para casa e comprar pinga. E foi o que aconteceu. No outro dia ele apareceu carregando a mulher nas costas.

40 - Homem fazendo atividades “femininas”:

Terminada a festa do amigo secreto que realizamos com o Grupo de Mulheres, comecei a varrer a sala para ajudar a dona da casa na limpeza. Elas estranharam e logo tomaram a vassoura de minhas mãos, dizendo que havia muitas mulheres por ali para fazer esse serviço.

Uma outra vez, conversava com uma jovem que havia dado a luz a seu filho recentemente. Orientava sobre alguns cuidados e até como cuidar dos seios para a amamentação. Ela ficou me olhando com cara de estranhamento. Não falou nada, mas percebi que ela se sentiu incomodada ou com vergonha, por ser um homem que estava lhe falando aquelas coisas que normalmente só as mulheres falam e ensinam.

41 - Santina e a experiência com uma missionária evangélica:

Uma moça evangélica andou visitando a favela por uns tempos. Certa vez na casa da Santina, observando-a amamentar sua filhinha, disse-lhe para cobrir os seios porque era errado ficar mostrando-os daquele jeito (estando Santina em sua casa e diante de uma mulher). Também reclamou de suas roupas e falou para usar outras mais decentes e não as roupas curtas que usa. Além disso,



condenou sua conduta com relação a maridos: já teve dois e vive amasiada com um outro homem que é pai de sua última filha.

Quando comentou isso, Santana disse que não via nada demais em mostrar os seios quando amamenta. Quanto às roupas, disse ser as que possui. E quanto aos maridos, só ela sabe de sua situação, o que passa na vida e o porquê de tentar se acertar com alguém.

III.6 - RELAÇÃO COM INSTITUIÇÕES DA SOCIEDADE

42 - Problema de roubo no curso de corte-costura:

As mulheres sabem a quem recorrer para atender suas necessidades. Conhecem locais e dias de distribuição de cestas-básica. Participam das atividades da Associação de moradores, como o curso de pintura e de corte-costura, acredito eu, mais pela cesta-básica que recebem do que pelo conteúdo do curso, porque é uma ou outra apenas que põe em prática o que aprendem.

Nesse curso da Associação de Moradores aconteceu um problema de roubo. Segundo as mulheres do grupo, parece que, indiretamente, acusaram as mulheres da favela. Elas ficaram revoltadas porque, como diziam, não é por morar em favela que são ladras. E comentaram também que em empregos de

domésticas são testadas pelas patroas. Aí aconteceu um diálogo interessante entre elas e a Vera.

As mulheres defendiam o ponto de vista da empregada, favelada e pobre, para quem o fato de a patroa testá-la, deixando jóias e dinheiro à vista, é uma humilhação. E o ponto de vista da patroa, ali defendido - inconscientemente - pela Vera (que já foi roubada por uma empregada), para quem era natural o teste, uma forma de segurança. Eu fiquei ouvindo e me perguntando se seria possível conciliar esses dois mundos diferentes. Acho que não!

43 - Doação de cestas:

A Prefeitura Municipal resolveu doar uma cesta de alimentos para cada família moradora da favela. Avisou a todas, entregou uma senha, mas exigiu que não levassem crianças, o que complica em muito a vida de muitas mães do local, uma vez que os maridos trabalhando - os que trabalham -, elas é que teriam que ir buscar os alimentos.

Antes de entregar a cesta fizeram uma palestra demorada sobre controle de natalidade, com gráficos, cartazes e demonstrações. Acontece que os mais velhos não gostaram de ver e ouvir o que foi dito e mostrado. Parece até que pediam para algumas mulheres enfiar uma camisinha no dedo de algum homem. A sogra da Regina, que é uma das primeiras moradoras do local, disse que por causa de uma mísera cesta não tinha que agüentar tudo aquilo. Por outro lado, o marido

da Santina disse que todo mundo já sabe daquilo, se não seguem é porque não querem. Sem falar que algumas já tomam pílulas.

Não consegui muitos detalhes porque elas ficaram constrangidas por falar comigo dessas coisas. Todos da favela tomam cuidado com as palavras que usam quando conversam com a gente: não utilizam certos termos, têm vergonha de falar sobre certos assuntos e evitam falar sobre determinados outros. Mas para a Irmã Maria do Carmo falaram mais coisas.

44 - Escola:

As mulheres do Grupo gostariam que seus filhos fossem à escola, que estudassem de fato para não serem analfabetos. A Cida chegou a levar pela mão, por vários dias, seu filho de 13 anos até a escola. Mas as crianças não gostam da escola e não se adaptam a ela. Além disso, muitas abandonam a escola para ir às ruas ganhar dinheiro ou mesmo para trabalhar, que é uma necessidade em praticamente todas as famílias do local. Com isso abandonam o estudo.

Para que as crianças não fiquem nas ruas, alguns pais enviam seus filhos para instituições sociais - do município ou privadas - que atendem crianças carentes. No entanto, mesmo nesses lugares, a maioria das crianças não se adapta e acaba voltando para as ruas.



Como apontou a psicóloga que conversou com as mulheres⁵¹, os pais - principalmente as mães, que é quem de fato assume a família - não têm condições de acompanhar os filhos, que são muitos e de diversas idades. As crianças, desde cedo, têm que se defender sozinhas - porque ficam soltas pela favela ou pelas ruas. Com isso, os pais perdem bastante de sua autoridade sobre os filhos e estes ganham em independência, conforme também apontou a psicóloga.

Na verdade, a única educação realmente eficaz é a da vida na favela e na rua: as crianças aprendem desde cedo como têm que se comportar e agir para sobreviver naquelas circunstâncias. Para isso, não é preciso uma educação sistematizada. O cotidiano da favela e da rua ensina, e muito bem por sinal.

III.7 - PESSOAS DE DESTAQUE

45 - Santina:

Por sua alegria e bom humor, apesar de todos os problemas e de toda a difícil situação em que vive. Dificilmente não está sorrindo e brincando com as pessoas. Canta bem e memoriza rapidamente as músicas. Foi uma das que mais nos cobrou quando decretamos as férias de Janeiro.

⁵¹ Cf. anexo C, p. 148.



46 - D. Zefa:

É a mãe da Margarida.⁵² Nunca participou do grupo. É conhecida no bairro porque antes catava papel, mas agora não sei do que vive - deve esmolar. Bebe e não pouco. Durante muito tempo, não consegui conversar com ela; e mesmo quando consegui, foi bem rápido. Quase não a vejo conversar com as pessoas. Parece ter problema mental, mas não tem. Certa vez, a vi em um bar conversando com duas adolescentes que pareciam lhe consultar sobre suas coisas. Nas vezes que consegui que me respondesse, na primeira apenas disse “oi”; na segunda, fez observar que eu tinha dinheiro e por isso estava melhor que ela.

47 - Margarida:

A filha da D. Zefa. Participava do grupo e parecia ser uma pessoa consciente, “certinha”: trabalhava, não bebia, era ajudada por muitos. De repente, sumiu. Parece que antes ela bebia muito e vivia jogada. Depois se acertou. Mas agora voltou novamente a viver nas ruas com outros mendigos. Parece ser o tipo de pessoa que não consegue enquadrar-se nos nossos esquemas sociais de trabalho, responsabilidade... Ela tinha uma vida ajeitada e deixou tudo. Depois de uns meses, fiquei sabendo que estava vivendo com um antigo namorado.

⁵² Ver item seguinte, nº. 47.



48 - Cida:

Por sua capacidade de envolvimento, interesse, liderança, boa vontade e disposição para ajudar e participar. Tem sete filhos e mesmo assim dá conta de cuidar da casa e participar de várias atividades comunitárias. Está sempre disposta e bem humorada. Dificilmente a vemos aborrecida ou dizendo-se cansada. Há pouco tempo, mandou o marido embora porque só estava bebendo e não trazia dinheiro para casa. E disse que não estava preocupada com isso, porque ela sabe se virar bem. Depois de quase dois meses, o marido voltou dizendo que aquela era sua casa também e também eram seus os filhos dela. Mas ela disse que se ele “não permanecer na linha”, expulsa-o de casa de novo.

Quando havia enxotado o marido de casa, Cida deu um grande exemplo de solidariedade. Como estava necessitando de trabalho, comentei-lhe de fazer o sabão sozinha e não depender das outras mulheres, que nem sempre estão dispostas. Ela disse que não, para não prejudicar as outras mulheres que dependem dela para fazer o sabão. Além do mais, estaria fazendo concorrência às outras o que também não daria certo.

49 - Outro mundo:

Pedrinho e sua esposa, que tentamos ajudar certa vez chamando uma ambulância, assim como a Margarida, vivem noutro esquema: querem beber e não tomar remédio, viver de outra forma. É um outro mundo, muito diferente do nosso, ao qual não temos acesso.



Pergunto-me se apenas fazendo o desfavelamento e construindo casas, pessoas como essas vão se acostumar à nova forma de vida, com banheiro, chuveiro, privacidade, prestação da casa para pagar, contrato de imóvel a ser respeitado e tudo o mais que vai se supor? Tudo isso constitui uma série de mediações com as quais essas pessoas não estão acostumadas a viver.



CAPÍTULO IV

ACONSELHANDO-SE COM A SEMIÓTICA

- REFLEXÃO SOBRE OS DADOS PESQUISADOS -



Estamos continuamente colidindo com o fato duro. Esperávamos uma coisa ou passivamente tomávamo-la por admissível e tínhamos sua imagem em nossas mentes, mas a experiência força esta idéia ao chão e nos compele a pensar muito diferentemente.

Peirce, CP, 1.324

Esta citação de Peirce que abre este capítulo não foi escolhida por acaso. É a que melhor expressa a percepção que tive da realidade estudada: tinha uma concepção de realidade e a experiência me obriga a enxergar as coisas como elas são, em sua facticidade, sem máscaras, puramente como são em si mesmas.

Retomando a conceituação das categorias da experiência acima explicitada⁵³, verificamos que essa consciência de uma dualidade entre duas coisas é um elemento típico de segundidade: uma que age e outra que reage ao modo da binaridade de forças. É uma idéia de esforço e, ao mesmo tempo, de resistência. E a essa consciência de um novo que se força sobre um antigo, Peirce dá o nome de *experiência*, conforme se pode verificar na citação a seguir, situada no contexto da metáfora da barquilha de um balão, discutida por Peirce numa Carta a Lady Welby:

⁵³ Cf. Capítulo II.



“A pessoa em sua inércia identifica-se com o sentimento anterior, e o novo estado de sentimento que chega - malgrado - é o não-ego. A pessoa tem uma consciência bilateral composta de ego e não-ego. Chamarei a consciência da ação de um sentimento que destrói o antigo - *experiência*. A experiência consiste geralmente naquilo que o curso da vida me *compeliu* a pensar.”⁵⁴

Em meu trabalho como pesquisador, também a experiência me compeliu a pensar. Pensar a partir da idéia de um não-ego, de um *outro*, de um *alter*, de uma *alteridade* que se impõe, e que nos compele a pensar que as coisas não são o que queremos que sejam nem tampouco se reduzem às nossas concepções da realidade. Esta bilateralidade composta por ego e não-ego constitui uma experiência direta, que não passa por nenhuma mediação ou terceiros. Ou seja, apresenta marcadamente características de segundidade e não traz em si traços de terceiridade.

É pela categoria de terceiridade que questionamos o fato bruto da segundidade, revemos a ação e os hábitos dela decorrentes com vistas à conduta futura. Pensar é estabelecer uma mediação entre o ego e o não-ego, seu alter, buscando uma generalidade que possa superar a particularidade do factual e estabelecer novos hábitos de conduta.

E é justamente esse aspecto de terceiridade, que deitou por terra minhas concepções do objeto estudado, questionando minha conduta frente ao

⁵⁴ Peirce, C. S., *Carta a Lady Welby, de 12/10/1904*. In: Col. Os Pensadores, p.120.



mesmo, que não está presente, pelo menos na maioria dos casos, na relação que os indivíduos da realidade estudada mantém com os seus *alter*. O que parece predominar na realidade estudada são relações de segundidade, de ação-reação, de ego e não-ego, de esforço e resistência. São resultados da minha pesquisa que procurarei mostrar a seguir.

A partir dos dados coletados, descritos no capítulo anterior, percebemos que entre essas pessoas que vivem numa situação de favela e a sociedade, da qual vivem à margem e excluídas, não há uma mediação. Para elas a sociedade é um *outro*, um *alter*, um *não-ego*. E a relação que mantêm com esse *outro* é puramente assimétrica.

Não havendo mediação - terceiridade -, a relação básica que se estabelece é de *ação-reação*, relação *bruta*, relação de *troca*. Não se encontram elementos de terceiridade porque não se tenta pensar o *outro*, rever hábitos, estabelecer novos critérios de ação. Diante do *outro* apenas se reage. Não há um propósito mediatizado em sua ação. Não há, por exemplo, uma clara concepção de direitos, deveres, cidadania que pudessem nortear suas ações. Com isso, a relação que se estabelece entre essas pessoas e a sociedade como um todo, é uma relação de troca, de conseguir algo, uma relação de interesse.



Esta falta de mediação torna-se muito clara tomando-se como exemplo o relato do item “acesso à saúde”⁵⁵. Conforme foi descrito, é-lhes negado o acesso a um atendimento de saúde: mal conseguem ser atendidos e o tratamento que devem seguir é um outro problema que só agrava a situação, porque não conseguem realizá-lo tendo em vista as precárias condições em que vivem. A atuação médica, nesse quadro social em que está inserida, é, na prática, inútil. Não atinge os objetivos buscados que é recuperar verdadeiramente a saúde.

O exemplo do Pedrinho e da D. Aparecida⁵⁶ é um caso extremo dessa situação, de uma impossibilidade de mediação, de romper a barreira que os coloca numa realidade à parte da nossa, uma impossibilidade de ter acesso à sua problemática e redirecioná-la. De nada adiantou termos chamado uma ambulância, apenas contribuímos para as coisas se realizarem como de praxe: vão ao hospital, ameniza-se a situação, voltam para casa e continuam a viver da mesma forma. Não se rompe o esquema de vida dessas pessoas, e elas continuam a reproduzir a mesma relação de ação-reação. Não se consegue introduzir nesse esquema um outro elemento que possa mediar a relação.

Poderíamos obrigar a mulher a ficar internada no hospital e não permitir que o esposo pudesse retirá-la de lá. Mas isso é submeter o casal a uma atitude de violência. Sem falar que continuaríamos ao nível da secundidade, da

⁵⁵ Cf. Capítulo III.2, itens 14-16.

⁵⁶ Cf. Capítulo III.5, item 39.



ação-reação, do esforço e da resistência. E, além do mais, nesse caso, quem iria manter o marido - é a mulher quem mendiga pelas ruas para conseguir comida e bebida. Poder-se-ia sustentar que a Secretaria do Bem-estar Social do Município o ajudasse. Mas quantos não vivem nessa situação. O Município não conseguiria atender a todos.

É possível conscientizá-los da importância de um tratamento para pararem de beber e assim redirecionarem suas vidas? Isto seria introduzir uma mediação - que está ao nível da terceiridade - que modificasse sua conduta. Mesmo que o consigamos, eles sabem que um tratamento desse tipo é muito precário ou quase inexistente. Além do mais, redirecionar a vida significa ter uma casa para morar e um emprego para se manter. Quem pode garantir-lhes isso? Sem contar que não sabemos nem se é isso mesmo que eles querem.

É o mesmo caso da D. Idalina e da D. Zefa⁵⁷. No primeiro, o problema de D. Idalina é tal que para solucioná-lo seria preciso tirá-la do fundo da favela onde vive, dar-lhe uma casa para morar, separá-la dos filhos, dar um emprego para cada um, além de uma renda para ela. Talvez seja melhor dar-lhe um cartão premiado da loteria.

⁵⁷ Cf. Capítulo III.1, item 06 e III.7, item 46, respectivamente.



E no caso da D. Zefa, sequer posso imaginar como compreender o seu mundo. O próprio fato de viver praticamente isolada e de até provocar certo receio nas mulheres do grupo (ninguém, por exemplo, vai à sua casa para buscar a Bíblia do Grupo de Mulheres que a Margarida deixou por lá, por medo de sua reação) já indica que nem todas as outras pessoas da favela a compreendem.

É um “outro mundo”, outra relação, que não se encaixa em nossos esquemas. Está em total assimetria em relação a nossos parâmetros - em relação a nós, os que estamos incluídos, ou pelo menos mais incluídos que eles, em nossa sociedade industrial-capitalista.

Um outro exemplo que torna claro essa relação assimétrica, de interesse, de troca, é a forma como essas pessoas se relacionam com segmentos da sociedade⁵⁸. As mulheres participam de cursos, como a pintura, mais por ser uma atividade diferente, descontraída, pela qual podem conseguir uma cesta básica, do que por ver nessa atividade uma forma de conseguir mudar sua vida, melhorar sua condição. Elas não tem tanta ilusão de que possam mudar assim. São realistas.

O mesmo pode-se dizer da iniciativa da Secretaria do Bem-estar Social do Município. Falaram mais de duas horas sobre controle de natalidade. Mas os moradores da favela não sabiam que iam lá para ouvir falar sobre esse assunto. Foram porque lhes ia ser entregue uma cesta básica. Além do mais,

⁵⁸ Cf. Capítulo III.6, itens 42-44.



mesmo com tanto falatório, não conseguiram atingir essas pessoas. Primeiro porque estas não conseguem seguir aquelas orientações ou dispor daqueles medicamentos ou preservativos. E segundo, porque já têm seus próprios esquemas de funcionamento⁵⁹.

Enfim, basta analisar outros exemplos do item “do ponto de vista deles”⁶⁰, para constatar, por exemplo, que até mesmo direitos podem tornar-se um peso para essas pessoas. Pelo fato de viverem numa situação tão extrema e precária⁶¹, eles não enxergam outras perspectivas de vida. E para sobreviver em tais condições criam esquemas de defesa, maneiras de se relacionar entre si e com a sociedade, que só podem ser compreendidas a partir de seu ponto de vista, de sua situação diária concreta.

As formas de terceiridade que se manifestam são logo truncadas, frustradas. A irmã da Santina se indigna frente à sujeira e abandono da favela, mas sente-se completamente impotente diante da situação. Da mesma forma, a Cristina percebe que o conselho médico é inútil, mas não pode fazer nada mais que dizer ao médico “vem ver o lugar onde moro”, e constatar que ele não sabe como é o lugar onde ela mora. E se insistir nessa proposição - de o médico não conhecer sua realidade -, e dela inferir suas conseqüências, acabará ficando louca. Então, o melhor é esquecer o médico e cuidar da saúde de outra forma.

⁵⁹ Cf. Capítulo III.5, item 34.

⁶⁰ Cf. Capítulo III.5, itens 33-41.

⁶¹ Cf. Capítulo III.1, item 01-02.



As manifestações de potencialidade daquela população, em sua maioria, estão fadadas a serem truncadas. As condições são tão adversas que opõem obstáculo a tudo o que surge sob a forma de relações marcadas por mediações, por terceiridade. Por isso, a situação de exclusão em que vive essa população. Estão aquém das mediações que tornam possível a vida em sociedade⁶². Logo, estão à margem. E os nossos esquemas não lhes servem. É preciso respeitar os seus. E estes, que não trazem a marca da mediação, estão marcados pela segundidade, pela relação de troca.

E é uma troca que se dá com um *outro*, com um *alter*, seja este um outro indivíduo da favela, seja a própria sociedade, com tudo o que possui de elementos positivos e negativos, construtivos e destrutivos. E nessa sociedade, nesse *outro* - nesse que é *diferente* de si - estão também aqueles que desejam contribuir de alguma forma para minorar essa situação precária de uma favela, partilhar da vida dessas pessoas para quem sabe nela introduzir novos elementos. E, por fazer parte dessa sociedade que se constitui num *alter*, estão submetidos aos mesmos esquemas de relacionamento, ou seja, relações de segundidade: de ação-reação, de interesse, de troca, nas quais elementos de terceiridade são muito frágeis.

Dessa forma, nesse trabalho com o Grupo de Mulheres que Ir. Maria do Carmo, Vera e eu tentamos fazer com algumas pessoas da favela do

⁶² Cf. Capítulo III.7, item 49.



Jardim Nacional, podemos encontrar os mesmos elementos descritos acima, na relação que essas mulheres mantiveram e mantêm conosco.

Há nessas relações o predomínio da segunda categoria peirceana que evidencia que, para essas mulheres, nós somos um *outro*, um *diferente*, o que implica em relações de troca. Apesar de nós considerarmos o trabalho realizado como comunitário, na verdade não há realmente uma comunidade entre nós e elas. Embora muitos objetivos próximos sejam procurados em comum, como por exemplo, a discussão de alguns assuntos, a confecção do sabão etc., a finalidade mesma que motivou-nos a trabalhar com aquelas mulheres não parece coincidir com aquela que as motiva.

À parte um relacionamento amistoso, visa-se, de um lado, ao alcance da plena cidadania e das responsabilidades por parte dessas pessoas, e, de outro, a manutenção de uma estrutura tutelar que as substitua no momento de reivindicar seus direitos e de ver atendidas suas necessidades.

Caso se compreenda comunidade como a busca social de um fim último comum a todos os membros, difícil é aceitar que esteja plenamente se constituindo. Mesmo porque, nós não vivemos uma situação tão precária e difícil como a delas, e elas têm claro isso. Nós só vamos lá algumas horas por semana e partilhamos de apenas uma parte de suas vidas. Além do mais, se considerarmos a



reflexão que as mulheres fizeram sobre as bem-aventuranças⁶³, na representação de si mesmas está presente uma determinada imagem, como se elas fizessem parte dos que vivem uma vida irregular, dos que são pecadores, enquanto nós fôssemos os que têm uma vida acertada, correta e decente: os “bons que vão até lá para ajudá-las”.

Percebe-se, então, que há uma clara assimetria que se revela, por exemplo, quando elas se resistem a ajudar a tomar decisões sobre assuntos que são da comunidade⁶⁴. Esperam que nós decidamos se é melhor proceder dessa ou de outra forma. Para elas o salão é nosso, não delas. Afinal, elas sequer ajudaram a construí-lo. Além do mais, o propósito é nosso, a iniciativa é nossa. Elas não têm um propósito como o nosso, apenas esperam conseguir o que necessitam de coisas materiais e não-materiais.

Esta assimetria não existe apenas entre nós e elas, como também entre nós mesmos, nas relações que elas mantêm com cada um de nós⁶⁵. A Irmã Maria do Carmo é a irmã de caridade que doa coisas, a Vera é a imagem da patroa. Quanto a mim, creio que para algumas coisas elas têm mais liberdade comigo, até por ser livre, não ser casado nem consagrado, não trazer comigo nenhuma imagem que possa aumentar a distância que já existe entre nós e elas.

⁶³ Cf. Capítulo III.1, item 09.

⁶⁴ Cf. Capítulo III.3, item 22.

⁶⁵ Cf. Capítulo III.3, item 17.



Percebe-se também essa relação de troca na forma como elas nos cobram as mínimas coisas que tenhamos prometido, como a letra de uma música por exemplo. Quando arbitrariamente decretamos férias em Janeiro⁶⁶, uma delas logo disse que iria mudar de religião se não voltássemos. Ela falou, é verdade, em tom de brincadeira, mas tal revela um sentimento interior, uma necessidade de algo que o grupo oferecia e que, não oferecendo mais, vai buscar em outro lugar. Não há um elemento mediador que leve a refletir que, apesar das férias, não há necessidade de mudar de religião porque isso ou porque aquilo. Não se questiona a ação, apenas se reage.

O que parece transparecer é que, através do grupo, conseguem algumas coisas de que necessitam, que de outra forma seria mais difícil conseguir. Isto não apenas quanto a coisas materiais mas também quanto a outros elementos igualmente necessários para a vida, como acolhida, carinho, confiança, alegria etc. Por isso vêm participar do grupo. E, segundo Maria do Carmo, no início do grupo a relação de interesse era muito maior.

Isso não quer dizer que não haja confiança, prazer e relações de afetividade no grupo, como se o único que contasse fosse o “conseguir algo” em troca da participação. O que está se afirmando é que predomina a relação de segundidade. Mas há outros elementos muito presentes, que apontam para formas

⁶⁶ Cf. Capítulo III.5, item 36.



de primeiridade, para qualidades de sentimentos, como as relações de confiança e de carinho apontadas.

Trazem ainda a marca da primeiridade o gosto tão manifesto pelo canto, o zelo pelo salão, o profundo respeito pelo momento de oração. E, ainda, de forma tão bela na voz melodiosa das mulheres que cantam, na alegria espontânea da Santina, na dedicação exemplar da Cida, no jeito descontraído da Regina, no olhar inconformado da Cristina, na disponibilidade da Rosa, na piedade religiosa da Mara, na seriedade da Rose, na meiguice da Lourdes.

Tais marcas de primeiridade são elementos importantes que fogem aos esquemas dominantes de ação-reação. Aliás, o próprio fato de essas mulheres terem perseverado há tanto tempo no grupo, revela algo mais do que apenas uma troca, revela algo de mediação. Certa vez nos perguntávamos por que somente elas, entre tantas mulheres ali na favela, é que participavam do grupo. Talvez seja porque encontrem algo mais que as leve a repensar alguma coisa em suas vidas.

Dados como esse, são traços de terceiridade que, às vezes, são notados em suas atitudes, por exemplo, quando tomaram a frente no trabalho de produção do sabão. Também quando participaram ativamente da organização da celebração comunitária. Ou quando, numa reunião, cada uma estava partilhando alguma coisa e, ao chegar a nossa vez, exigiram que também nós partilhássemos.



Como se ali houvésssemos alcançado uma igualdade e todos nos sentíssemos iguais, simétricos, uma comunidade de verdade.

Mas, como já foi afirmado, tais sinais de primeiridade e de terceiridade são elementos frágeis que logo se perdem. Aquele momento de apogeu do grupo, em que ficar uma semana sem se reunir já era suficiente para despertar saudades, foi aos poucos passando. Logo fomos perdendo as perspectivas, se é que alguma vez as tivemos claramente, e o grupo parece ter ficado desinteressante e as mulheres já não participam com aquele mesmo entusiasmo de outrora⁶⁷. Como já não encontram o mesmo de antes, por que participar? Mas elas continuam, o que leva a pensar que algo foi construído, que alguma mediação conseguiu ser formada, que alguns sentimentos foram fincados. Mas o predomínio, ainda, é de relações de segundidade.

A psicóloga que conversou com as mulheres também apontou esse elemento de falta de mediação⁶⁸, ao apontar uma certa tendência à repetição: o que aconteceu com suas mães, aconteceu também com elas e certamente vai acontecer com suas filhas. Aliás, para algumas já está acontecendo. Não se consegue romper esse esquema, não se questiona a conduta, simplesmente reage-se ante uma situação. É como se fosse a tendência natural dos acontecimentos: foi assim com os pais, é assim com elas agora. Não vêem outras perspectivas de vida.

⁶⁷ Cf. Capítulo III.3, item 20.

⁶⁸ Cf. anexo C, p. 148.



Talvez o caso mais extremo dessa fragilidade da terceira idade seja o da Margarida⁶⁹. Por mais que se procurou conscientizá-la da importância de se mudar de vida, de todo o apoio que parece lhe foi dado, da participação ativa que tinha nas reflexões do Grupo de Mulheres, mesmo assim, num belo dia, largou tudo e voltou para a rua para beber e vive com um grupo de mendigos. Ninguém entendeu.

Por outro lado, o caso da Cida⁷⁰ é o exemplo mais palpável de atitudes que demonstram traços de terceira idade. Sempre toma a iniciativa nos trabalhos e não espera por ninguém para fazer as coisas que precisam ser feitas. É a pessoa mais conscientizada do grupo. Sempre procura solucionar os problemas que aparecem e sempre encontra um jeito para acertar as coisas.

O exemplo que melhor pode ilustrar como ela consegue fugir desse esquema de ação-reação, estabelecendo mediações para sua conduta, é a solidariedade que demonstrou para com as outras mulheres, ao não querer, mesmo necessitando, fazer o sabão sozinha, uma vez que as mulheres dependem dela para fazê-lo. E também para não fazer concorrência para as outras. Mas é um dos poucos casos existentes na favela.

⁶⁹ Cf. Capítulo III.7, item 47.

⁷⁰ Cf. Capítulo III.7, item 48.



Essa forma de relação marcada pela categoria da segundidade é igualmente presente no que se refere à religião⁷¹. Age-se de determinada maneira, seguem-se determinados preceitos, celebram-se determinados ritos para em troca receber da ação divina o que precisam. É como nas “promessas” que o povo faz. Dessa forma, fazem pedidos por si e pelos seus, respeitam os dias santos e o lugar da Igreja, para serem dignos de ganhar a bênção divina. A frase dita pela Regina⁷² é o que melhor ilustra essa atitude: tudo bem que se está numa favela, que é bagunçada mesmo, “mas não aqui dentro” [do salão de reuniões], “aqui é o lugar do culto”.

Numa tal relação, é fácil entender a falta de interesse dos pais pela catequese de seus filhos⁷³: não vêem nada de vantajoso na mesma e inexistente uma mediação que os leve a lhe atribuir alguma importância. Não serve nem mesmo para um futuro casamento na Igreja, porque a maioria dos casais vive em uniões livres.

A segundidade revela-se ainda, quanto à religião, na dualidade Deus-demônio. É preciso estar com Deus para proteger-se do demônio e suas manifestações: a difícil vida que levam, a violência que as atinge, as forças da natureza, as misteriosas forças do mal... Daí as rezas, benzeduras, santinhos pela casa, ramos bentos... É combater o mal com o bem. Igualmente o tempo da

⁷¹ Cf. Capítulo III.4, itens 27-32.

⁷² Cf. Capítulo III.4, item 29.

⁷³ Cf. Capítulo III.4, item 28.

Quaresma, com seus jejuns e observâncias - há uns 20 anos atrás nem dançar era permitido. Caso quebre-se o exercício quaresmal cai-se nas mãos do demônio ou, então, enfrenta-se uma de suas manifestações: o lobisomem. Pode-se estabelecer uma comparação com a lei do talião: na medida do que você dá é o que você recebe. E a vingança de Deus “tarda mas não falha!”

E é por essa mesma mentalidade de troca que esperam que nós resolvamos os seus problemas, conforme já foi apontado acima. Por exemplo, que nós vendamos o sabão por elas⁷⁴. Essa é a atitude da maioria dos moradores da favela. Esperam nossa ida à Prefeitura e onde mais for preciso para levar seus problemas e trazer soluções. Você os chama para ir junto e quase ninguém vai. Talvez seja também por descrédito. Foi o que aconteceu com o projeto do desfavelamento⁷⁵. Poucas pessoas se envolveram para valer, a maioria apenas vinha para reuniões e nunca se manifestava. Viam-nos como os que deveriam resolver o problema para eles, mas não se dispunham a também tentar resolvê-los.

Tal atitude ficou claramente expressa no episódio constrangedor, e ao mesmo tempo bastante elucidativo, que me aconteceu durante o processo de discussão do desfavelamento daquela localidade. Foi o caso do Sr. João⁷⁶. Para ele eu era inclusive o representante da Associação de Moradores e também quem decidia sobre toda ação social que se desenvolvia na favela. Claro que estava meio

⁷⁴ Cf. Capítulo III.3, item 22.

⁷⁵ Cf. Capítulo III.1, item 13.

⁷⁶ Cf. Capítulo III.1, item 05.



bêbado. Mas o que importou foi a percepção que ele tinha de nosso trabalho e que ficou perfeitamente expressa no ocorrido. O fato de estar bêbado contribuiu para manifestar seus reais sentimentos.

O que acontece é que nós não conseguimos atingir aquela população o suficiente para tê-los envolvido mais no processo. Aliás, em nosso trabalho também não conseguimos atingir toda a população da favela. Se a favela está à margem da sociedade, ali, na favela, há também aqueles que estão mais à margem ainda, dos quais mal sabemos o que lhes acontece, como vivem... São os excluídos dos excluídos.

É como se houvesse uma hierarquia na favela: conseguimos trabalhar com uma pequena parcela daquela população, especificamente as mulheres, porque os homens são mais arredios e desconfiados. É como se o nosso trabalho pudesse ir até um certo ponto e a partir daí não fosse mais possível.

Por exemplo, não sabemos tudo o que ocorre na favela. As mulheres do grupo não nos contam tudo o que ocorre por ali. Jamais nos falaram de drogas e de traficantes. Mas nós sabemos que há alguns por ali. Uma única vez, uma delas me falou de uma “lei do cão” que impera na favela⁷⁷, mas isso foi depois que essa pessoa já havia se mudado do local.

⁷⁷ Cf. Capítulo III.1, item 10.



Não se pode esquecer que na favela as relações dão-se de forma exclusivamente dual, de ação-reação. E não há vantagem alguma em partilhá-las com quem é de fora⁷⁸. Pelo contrário, é até prejudicial contar a outros, por exemplo, como é o esquema de distribuição de drogas nessa favela. Por isso, o escondem. Não há uma mediação que leve a considerar a importância da superação de alguns esquemas predominantes naquele local. A relação bruta impõe a necessidade de sobrevivência, que se sobrepõe mesmo a laços de amizade.

Há regras que não podem ser mudadas, por exemplo, o que cabe ao homem e o que cabe à mulher⁷⁹. E quando violei essa regra, logo percebi a reação. Talvez esta resistência seja um mecanismo de defesa: defesa de sua dignidade, de sua privacidade - que já não é muita -, justamente para não se sentirem mais invadidos ainda. Mesmo em tais situações extremas, há um mínimo de dignidade a ser preservada.

E eles demonstram essa recusa em perder a sua dignidade em muitas oportunidades, como quando fui tirar fotos de alguns deles e de suas moradias⁸⁰. A recusa em tirar fotos dos barracos, seja por dentro ou por fora, para não expor sua pobreza e miséria ainda mais. Mesmo porque as fotos eram para mim, e eu estaria carregando, expondo para outros o que existe de feio ali, e que eles tentam encobrir.

⁷⁸ Cf. Capítulo III.3, item 22.

⁷⁹ Cf. Capítulo III.5, item 40.

⁸⁰ Cf. Capítulo III.1, item 11.

Muitos deles não são pessoas acomodadas, que se conformam com aquela situação. Sentem revolta e vergonha da sujeira e da bagunça em que vivem. Por eles, estariam em outro lugar. Mas não têm opção.

Um outro exemplo dessa insistência em manter sua dignidade, foi dado quando eles derrubaram o barraco da Rosa⁸¹ porque ninguém mais agüentava aquela situação de promiscuidade. Não resolveu o problema, mas conseguiram levá-lo para um pouco mais distante de suas casas, ou melhor, barracos.

Com todo o exposto, pretendi tornar clara a assimetria que existe entre nós e eles, e evidenciar que somos um *outro*, um *diferente*, que não partilha do mesmo “mundo” que essas pessoas. E justamente por isso é que se dá o predomínio de relações de troca, de reação frente a um segundo, que caracteriza a categoria de segundidade, na qual mediações não são possíveis. Só é possível entender a conduta dessas pessoas partilhando de seu mundo e, dessa forma, compreendendo os mecanismos e estruturas que criam para conseguir sobreviver numa situação tão adversa.

⁸¹ Cf. Capítulo III.1, item 12.



CAPÍTULO V

DIALOGANDO COM A ANTROPOLOGIA

Neste capítulo, pretendo confrontar as conclusões da minha pesquisa com o trabalho do antropólogo norte-americano, Oscar Lewis. Lewis, trabalhou por muitos anos no México com populações em situação de pobreza, e, a partir de sua pesquisa, buscou desenvolver o conceito do que ele chama de cultura da pobreza⁸². Suas conclusões ajudam a esclarecer e explicitar as da minha pesquisa, como procurarei demonstrar a seguir.

V.1 - A CULTURA DA POBREZA

No uso antropológico do termo, cultura supõe essencialmente um padrão de vida que passa de geração em geração. Ao aplicar este conceito, Lewis, quer sugerir que a pobreza não é apenas um estado de privação econômica, mas que também é algo positivo, no sentido de que possui uma estrutura e mecanismos de defesa sem os quais os pobres dificilmente poderiam continuar sobrevivendo.

⁸²Para análise deste conceito foram utilizados as seguintes obras do referido autor:

- Lewis, O. Los Hijos de Sánchez, p. XII-XIX.
- Lewis, O. "A Cultura da Pobreza". In: A Ciência Social num Mundo em crise, p. 146-153.



Segundo Lewis, nem todos os lugares onde há pobreza desenvolvem necessariamente uma cultura da pobreza. Para que esta possa se desenvolver são necessárias algumas pré-condições: “O ambiente é uma economia de dinheiro, com trabalho assalariado e produção para lucro, com índice continuamente elevado de desemprego e subemprego, com baixos salários para o trabalhador não-qualificado.”⁸³

O autor acrescenta, ainda, o fato de a sociedade não oferecer formas de organização à população de baixa renda; existência de um sistema de parentesco bilateral, centralizado na família nuclear procriadora; valorização, por parte da classe dominante, da economia, da propriedade e da possibilidade de ascensão social, o que explicaria o baixo *status* econômico por inferioridade e inadequação individual.

Para o autor, esses dados parecem indicar que a cultura da pobreza é tanto uma adaptação quanto uma reação dos mais pobres à sua situação de marginalidade, numa sociedade de classes que também é individualista e capitalista. Representa, ainda, um esforço dessas pessoas para enfrentar sentimentos de desesperança e de abandono, resultantes da compreensão de que é muito improvável que consigam vencer nos termos dos objetivos e valores dominantes nessas sociedades.

⁸³Lewis, O. “A Cultura da Pobreza”, p. 149.



Segundo Lewis, parece que a cultura da pobreza possui algumas características universais que transcendem as diferenças regionais, rural-urbanas e até nacionais. Ele procura elaborar alguns traços característicos e apresentar um modelo conceitual provisório desta cultura, baseado principalmente em seu trabalho no México.

Mesmo correndo o risco de ser excessivo, vou abusar um pouco das citações textuais, pelo fato de o autor apresentar descrições muito características e detalhadas. Prefiro transcrever as palavras do autor para não perder, por meio de sínteses, nada da riqueza que suas descrições nos apresentam.

Lewis afirma que na cidade do México, “la mayor parte de los pobres tienen un muy bajo nivel de educación y de alfabetismo, no pertenecen a sindicatos obreros, no son miembros de un partido político, no participan de la atención médica, de los servicios de maternidad ni de ancianidad que imparte la agencia nacional de bienestar conocida como Seguro Social, y hacen muy poco uso de los bancos, los hospitales, los grandes almacenes, los museos, las galerías artísticas y los aeropuertos de la ciudad.”⁸⁴

⁸⁴ Lewis, Oscar. Los Hijos de Sánchez, p. XIV.



Os traços econômicos mais característicos da cultura da pobreza incluem: “la lucha constante por la vida, periodos de desocupación y de subocupación, bajos salarios, una diversidad de ocupaciones no calificadas, trabajo infantil, ausencia de ahorros, una escasez crónica de dinero en efectivo, ausencia de reservas alimenticias en casa, el sistema de hacer compras frecuentes de pequeñas cantidades de productos alimenticios muchas veces al día a medida que se necesitan, el empeñar prendas personales, el pedir prestado a prestamistas locales a tasas usuarias de interés, servicios crediticios espontáneos e informales (tandas) organizadas por vecinos, y el uso de ropas y muebles de segunda mano.”⁸⁵

As características sociais e psicológicas incluem: “el vivir incómodos y apretados, falta de vida privada, sentido gregario, una alta incidencia de alcoholismo, el recurso frecuente a la violencia al zanjar dificultades, uso frecuente de la violencia física en la formación de los niños, el golpear a la esposa, temprana iniciación en la vida sexual, uniones libres o matrimonios no legalizados, una incidencia relativamente alta de abandono de madres e hijos, una tendencia hacia las familias centradas en la madre y un conocimiento mucho más amplio de los parientes maternos, predominio de la familia nuclear, una fuerte predisposición al autoritarismo y una gran insistencia en la solidaridad familiar, ideal que raras veces se alcanza.”⁸⁶

⁸⁵ Lewis, Oscar. Los Hijos de Sánchez, p. XIV.

⁸⁶ *Ibid.*, p. XIV.



Lewis apresenta outros traços que incluem: “orientación hacia el tiempo presente con relativamente poca capacidad de posponer sus deseos y de planear para el futuro, un sentimiento de resignación y de fatalismo basado en las realidades de la difícil situación de su vida, una creencia en la superioridad masculina que alcanza su cristalización en el machismo, o sea el culto de la masculinidad, un correspondiente complejo de mártires entre las mujeres y, finalmente, una gran tolerancia hacia la patología psicológica de todas clases.”⁸⁷

Lewis também discute que os que vivem na cultura da pobreza “tienen un fuerte sentido de marginalidad, de abandono, de dependencia, de no pertenecer a nada. (...) Al lado de este sentimiento de impotencia hay un difundido sentimiento de inferioridad, de desvalorización personal.”⁸⁸

E, ainda, podemos acrescentar outras descrições apresentadas por Lewis: a não-integração do pobre nas instituições básicas da sociedade; a existência de uma consciência dos valores da classe média - ainda que não vivam de acordo com tais valores; a existência de uma hostilidade em relação a instituições básicas dominantes na sociedade, como o ódio da polícia e a desconfiança no governo; a não valorização da infância como um período prolongado e protegido no ciclo da vida; e um intenso sentimento de fatalismo.

⁸⁷ Lewis, Oscar. Los Hijos de Sánchez, p. XV.

⁸⁸ *Ibid.*, p. XVI.



Lewis observa que os traços acima não estão limitados à cultura da pobreza, mas que também se encontram nas classes médias e superiores. Porém é a forma peculiar destes traços o que define a cultura da pobreza. Por exemplo, na classe média o machismo se expressa em termos de façanhas sexuais, enquanto que na classe baixa se expressa em termos de heroísmo e de falta de temor físico.

Lewis esclarece que nem todos os pobres fazem parte da cultura da pobreza. Não se aplica, por exemplo, a povos primitivos, cujo atraso é resultado de seu isolamento e dos poucos recursos de que dispõem. Igualmente, na Índia, as pessoas mais pobres da casta mais baixa continuam integrados na sociedade mais ampla, e têm suas instituições de autogoverno que incluem sistemas de parentesco e até vilas diferentes. Também não se pode pensar a cultura da pobreza como sinônimo de classe trabalhadora, pois suas condições de vida variam em diferentes países.

Muitos traços da cultura da pobreza podem ser considerados como tentativas de soluções locais a problemas que outras instituições da sociedade não resolvem, porque essa população não tem acesso às mesmas. Por exemplo, confiam em remédios caseiros, parteiras e curandeiros locais, porque não podem pagar um médico e têm medo dos hospitais - onde se vai para morrer, segundo o autor.



Segundo o autor, essas pessoas possuem um sentido de história muito escasso. Por estarem à margem, só conhecem seus problemas locais, não tendo um conhecimento ou uma ideologia que pudesse levá-los a considerar, por exemplo, as semelhança entre seus problemas e os de seus equivalentes em outras partes do mundo.

Os que vivem na cultura da pobreza, continua Lewis, não têm consciência de classe. Aliás, quando os pobres adquirem consciência de classe, tornam-se membros de organizações sindicais ou outras, *já não fazem parte da cultura da pobreza, ainda que sigam sendo desesperadamente pobres*⁸⁹.

É o caso de Cuba. Apesar de ser muito pobre, a favela observada por Lewis era muito organizada com comissões de quarteirões, comissões partidárias etc. E características da cultura da pobreza, como sentimentos de desespero e apatia, foram encontradas com muito menos intensidade. Por essas observações diretas, e outras provas indiretas, Lewis inclina-se a acreditar que não exista cultura da pobreza nos países socialistas.

E mais, a Lewis lhe parece que qualquer movimento que invista na organização dos pobres conduzirá à superação da cultura da pobreza: "...parece que qualquer movimento - religioso, pacifista ou revolucionário - que organiza os pobres e lhes dá esperança, que efetivamente promove um sentimento de

⁸⁹ Os grifos são meus.



solidariedade com grupos maiores, deve realmente destruir o núcleo social e psicológico da cultura da pobreza”.⁹⁰

Dessa forma, é de se esperar, segundo Lewis, que trabalhadores rurais sem terra, como os da América Latina, que emigram para as cidades, caiam mais facilmente na forma de vida da cultura da pobreza. Já na África, a forte natureza corporativista de muitas sociedades tribais podem tender a inibir ou retardar essa forma de vida.

É preciso considerar ainda, segundo Lewis, os elementos positivos que podem surgir desses traços da cultura da pobreza. Viver no presente pode desenvolver uma capacidade de espontaneidade, de gozo do sensual, que freqüentemente está embotada no homem da classe média que vive orientado para o futuro. O uso freqüente da violência significa uma saída fácil para a hostilidade, de modo que essas pessoas sofrem menos de repressão que os indivíduos da classe média.

Porém, apesar disso, o autor considera que, no conjunto, a cultura da pobreza é relativamente superficial: “Nela existe muito *pathos*, sofrimento e vaziez [sic]. Não dá muito apoio ou satisfação; sua desconfiança

⁹⁰ Lewis, O. “A Cultura da Pobreza”. In: A Ciência Social num Mundo em crise, p. 151.



difusa amplia o isolamento e a impotência do indivíduo. Na verdade, a pobreza da cultura é um dos traços decisivos da cultura da pobreza”.⁹¹

Lewis considera ainda que a eliminação da pobreza física, não é suficiente para eliminar a cultura da pobreza que é todo um modo de vida. Além disso, será diferente uma solução apresentada num país como os Estados Unidos, em que tal cultura representa um segmento relativamente pequeno da população. Neste caso, tem-se buscado elevar o nível de vida dos pobres, incorporando-os à classe média. Em países subdesenvolvidos, os indivíduos da cultura da pobreza podem optar por uma solução mais revolucionária.

Por provocar mudanças estruturais básicas na sociedade, organizar os pobres e dar-lhes um sentimento de participação e liderança, as revoluções freqüentemente conseguem abolir algumas características básicas da cultura da pobreza, mesmo quando não conseguem eliminar a pobreza.

Por fim, o autor ressalta que é preciso superar a tendência de alguns estudos sociológicos que identificam a classe humilde quase exclusivamente com o vício, o crime e a delinquência juvenil. Em seu trabalho no México, a maioria dos pobres lhe pareceram “seres humanos decentes, justos, valerosos y susceptibles de despertar afecto. Creo que fue el novelista Fielding el que escribió:

⁹¹ Lewis, O. “A Cultura da Pobreza”. In: A Ciência Social num Mundo em crise, p. 152.



‘Los sufrimientos de los pobres son en realidad menos advertidos que sus malas acciones’.”⁹²

V.2 - O DIÁLOGO

Apresentei de forma detalhada a análise que Oscar Lewis faz da cultura da pobreza, porque suas conclusões vêm corroborar as que inferi, com a ajuda de meu orientador, acerca da realidade pesquisada. Da mesma forma, minha pesquisa de campo na Favela do Jardim Nacional confirma as conclusões que o autor inferiu a partir do seu trabalho com populações carentes do México. De modo que, pelo menos no que tange à favela por mim pesquisada, parece existir, de fato, uma cultura da pobreza, cujas características, acima descritas, por ele apontadas, transcendem as diferenças regionais e até nacionais.

As descrições da cultura da pobreza que Lewis apresenta, coincidem com o que observei em minha convivência com os moradores da Favela do Jardim Nacional. Em geral, posso dizer que todas as características apontadas por Lewis podem ser observadas nessa favela: os traços econômicos, os sócio-psicológicos e, igualmente, as características gerais. Dar exemplos agora, seria estender demasiadamente uma exposição desnecessária e redundante, uma vez que já foi extensamente desenvolvida no capítulo III.

⁹² Lewis, O. Los Hijos de Sánchez, p. XVII.



Também penso ser verdadeira a afirmação de que muitos traços da cultura da pobreza constituam tentativas de soluções locais a problemas que outras instituições da sociedade não resolvem. Por exemplo, o recurso ao uso de ervas medicinais, a benzedeiras e a conselhos de pessoas mais velhas, uma vez que não têm acesso ao serviço de saúde, como foi apontado⁹³. Igualmente o uso da violência para resolver seus problemas, já que não possuem outras mediações que possam ajudá-los a resolvê-los - como leis, agências policiais etc. também não freqüentam missas, não consultam padres e nem são atingidos pelo trabalho pastoral das Igrejas, mas cultuam imagens de santos e apreciam terços e rezas nas casas⁹⁴.

Lewis também comenta sobre a escassez de um sentido de história e da falta de consciência de classe. Acrescenta, ainda, que se um pobre adquire essa consciência e passa, por exemplo, a fazer parte de um movimento organizado, ele já não mais faz parte da cultura da pobreza. E cita o caso de Cuba, onde uma favela já não apresenta de forma tão intensa as características da cultura em questão.

⁹³ Cf. Capítulo III.2, itens 14 a 16.

⁹⁴ Esse dado é válido com relação à igreja católica. Com relação às igrejas protestantes, muitos aspectos necessitariam ser considerados. Apenas vou destacar que principalmente com relação às igrejas pentecostais, a relação parece dar-se de forma diferente. Como essas Igrejas reforçam a relação dual com a religião, sem interpor mediações, mas reforçando a relação de troca, elas obtêm muito sucesso com essas populações carentes, que respondem com assiduidade e fidelidade à sua Igreja. Esclareço, ainda, que o não aprofundamento desta questão deveu-se a que não tive nenhum contato direto com essa realidade específica, com nenhum signo que conduzisse a uma relação dialógica.



Na leitura semiótica, essa falta de um sentido de história e de consciência significa a falta de uma mediação. Falar em mediação implica a noção de síntese, de uma consciência sintetizadora, e esta, por sua vez, traz consigo o sentido de aprendizagem de um novo conceito. Mediação, síntese, aprendizagem são elementos característicos, peculiares, de relações de terceiridade.

Ora, se faltam elementos de terceiridade, há o predomínio de relações duais, de segundidade. E a segundidade é marcada por relações de troca, de ação-reação. E foram exatamente essas as relações que Lewis demonstrou serem características da cultura da pobreza, ao descrever as estruturas que os pobres desenvolvem como estratégia de sobrevivência, suas tentativas locais de solução dos problemas etc. Tanto é assim, que se se introduzirem algumas mediações, como organização e liderança, por definição, já não mais se faz parte desta cultura.

Traços de segundidade foi justamente o que percebi predominar nas relações - interpessoais e com a sociedade - existentes na Favela do Jardim Nacional, conforme foi exposto no capítulo IV. E as próprias condições em que estão inseridos não os ajudam a viver de uma outra forma, pois as formas de terceiridade são truncadas, como foi apontado. Concordo com Lewis quando afirma ser tanto uma adaptação quanto uma reação dessas pessoas à realidade em que estão inseridas. Diante do *outro*, do *não-eu*, reage-se.

Com tudo isso, acredito ser possível afirmar que uma característica fundamental da cultura da pobreza é essa ausência de mediações. Por isso relações duais. Se se as alcança, adquire-se um novo elemento, que forçosamente coloca para além dessa forma de cultura. E isto porque as relações brutas passariam a ser determinadas pelo crivo da complexização da ação. Logo relações de terceiridade e superação da dualidade das relações.

Por isso, não é suficiente acabar com a pobreza física para eliminar a cultura da pobreza, conforme apontou Lewis. A mesma conclusão inferi de minha pesquisa, conforme apontado acima⁹⁵. Mesmo porque, para tanto, seria preciso introduzir elementos estranhos a essa cultura, que são justamente as formas de mediação características da terceiridade.

Desse modo, as afirmações de Lewis corroboram minhas conclusões de que, na favela do Jardim Nacional, há o predomínio de relações marcadas pela segunda categoria da experiência. Da mesma forma, minhas conclusões corroboram as suas, de que a introdução de elementos mediativos conduz para além da cultura da pobreza. Além disso, as descrições da favela por mim pesquisada confirmam as de Lewis, bem como a sua caracterização de uma cultura da pobreza que transcenda diferenças regionais e até nacionais.

⁹⁵ Cf. Capítulo III.7, item 49.



PALAVRAS FINAIS

Chegando ao final deste percurso, resta ainda uma sensação de que não foi apresentado e explicitado o que se pretendia. Acredito que tal sentimento deve-se a não ser possível transmitir toda uma vivência desafiadora, instigante e enriquecedora. Por maior sofisticação que se possa obter na forma de comunicação verbal - oral ou escrita - será sempre uma transmissão que não abrangerá o todo de um processo que lhe escapa.

Por isso, no momento final deste processo, quero apenas retomar seu início e fechá-lo reafirmando o que me parece ser fundamental.

O ponto de partida desta pesquisa foi a hipótese de que em uma situação tão difícil e precária, como o é a de uma favela, há estruturas próprias de organização, com dinamismo e valores próprios, que só podem ser compreendidos a partir dos seus próprios protagonistas, desde seu ponto de vista. Por isso a pergunta inicial de quais seriam as interpretações que as pessoas dessa realidade manifestariam do meio em que estão inseridas.

Daí a necessidade de uma análise descritiva, contribuição que a Semiótica está apta para oferecer por seu caráter predominantemente descritivo. Com uma tal descrição dessa realidade, é possível uma compreensão de sua



problemática. Porque sem esta compreensão não é possível um labor educativo, seja qual for.

Neste sentido, o Capítulo III demonstrou os problemas de uma intervenção junto a essa realidade - direta ou indireta - , que não respeite as particularidades resultantes de sua situação concreta.

Tal evidencia que qualquer trabalho educativo que não tenha em conta as particularidades do educando está fadado a não educar, mas a impor um padrão educacional normativo, determinado a partir de critérios que não dizem respeito à idiosincrasia própria dos educandos.

Esta exigência que se coloca, aponta a necessidade de conhecer a realidade com a qual se vai trabalhar. Para conhecer é preciso se dispor ao diálogo. Só o diálogo leva ao crescimento e à compreensão que se busca, porque supõe o reconhecimento do outro em sua alteridade, respeitando-o e valorizando-o em suas diferenças específicas.

Esta é a contribuição que a Semiótica nos oferece: buscar compreender a interpretação do outro, em sua alteridade, num ambiente essencialmente dialogante, porque todo signo é dialógico. O fruto desta perspectiva é a convicção de que só o diálogo proporciona o crescimento da



compreensão crítica de uma realidade complexa, que escapa a qualquer explicação *a priori*.

Se na favela do Jardim Nacional, a “Favela do Risca Faca”, há o predomínio de relações de troca - relações de segundidade - tal característica não deve apenas ser tida em conta, como respeitada e aceita sem qualquer juízo de valor. É resultante da situação específica em que está inserida essa parcela da população.

Lewis nos apresentou os argumentos da importância deste respeito a este modo de vida particular que ele classificou como cultura. Por isso mesmo apontou que há diferenças entre eliminar a pobreza física e eliminar a cultura da pobreza. A superação da cultura da pobreza, como já foi reiteradamente apontado, requer a introdução de elementos mediadores estranhos a esta cultura. A necessidade da procedência de tal introdução e a maneira de fazê-lo é que está sendo, neste trabalho, colocada em questão.

Se o signo é dual, também nos desafia a viver essa relação e, nela, a aprender com essas pessoas a dialogar na dualidade. Porque essas pessoas são as mais qualificadas para nos mostrar como é possível, aí, introduzir elementos de terceiridade; e só elas podem nos dizer se é isso mesmo que necessitam ou gostariam de vislumbrar em suas vidas.



Qualquer outra forma de ação, será uma mera projeção dos critérios e valores de uma realidade sobrepondo-se a outra, como é comum acontecer em todos os âmbitos de nossa cultura generalizante e universalizadora, que ainda não aprendeu a respeitar e a reconhecer o particular e o individual.

“Signo Dual”, porque

Todos no mundo reconhecem o belo como o Belo
e, desta forma, sabem o que é o Feio.

Todos no mundo reconhecem o bem como o Bem
e, desta forma, sabem o que é o Mal.

Assim o ser e o não-ser geram-se mutuamente.

O longo e o curto se delimitam

O alto e o baixo se inclinam

O tom e o som se harmonizam

O antes e o depois seguem-se um ao outro.

LAO TSÉ, *Tao Te Ching (II)*.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 01 - IBRI, I. A. **Kósmos Noetós**: a arquitetura metafísica de Charles S. Peirce. São Paulo: Ed. Perspectiva, p. 03-16, 1992.
- 02 - LEWIS, O. **Los Hijos de Sánchez**: autobiografia de una familia mexicana. México: Fondo de Cultura Económica, p. XII-XIX, 1964.
- 03 - _____. "A Cultura da Pobreza". In: **A Ciência Social num Mundo em Crise**: Textos do Scientific American. Tradução do Prof. Dante Moreira Leite. São Paulo: Ed. Perspectiva, Ed. Da Universidade de São Paulo, p. 146-153, 1973.
- 04 - PEIRCE, C. S. "Carta a Lady Welby, de 12/10/1904". In: **Coleção Os Pensadores**. 1ª. ed. São Paulo: Ed. Abril, v. XXXVI, p.120-126, 1974.
- 05 - SILVEIRA, L. F. B. "O 'Admirável Amazonas', Metáfora do Pensamento" (em vias de publicação).
- 06 - _____. "O Caráter Dialógico e Social do Signo e do Pensamento em Peirce". **Trans/Form/Ação**, 11:23-29, 1988.
- 07 - VELHO, G. "Observando o Familiar". In: NUNES, E. O. (Org.). **A Aventura Sociológica**: Objetividade, Paixão, Improviso e Métodos na Pesquisa Social. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 36-46, 1978.



BIBLIOGRAFIA

I - Obras:

- 01 - BRANDÃO, C. R. "O Outro: esse difícil". In: _____. **Identidade e Etnia**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.
- 02 - FERRARA, L.D. **Olhar Periférico**: Informação, Linguagem, Percepção Ambiental. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.
- 03 - JESUS, C. M. de. **Quarto de Despejo**: Diário de uma Favelada. 6ª. Ed. São Paulo: Ática, 1997.
- 04 - LEWIS, O. **Antropología de la Pobreza**: cinco familias. 6ª. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1969.
- 05 - LINS, P. **Cidade de Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- 06 - PEIRCE, C. S. **Semiótica e Filosofia**. Introdução, seleção e tradução de Octanny Silveira da Mota e Leonidas Hegenberg. São Paulo: Ed. Cultrix, 1972.
- 07 - _____. **Semiótica**. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. 2ª. ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1995.
- 08 - SANTAELLA, L. **A Teoria Geral dos Signos**: semiose e autogeração. São Paulo: Ed. Ática, 1995.
- 09 - SANTOS, A. P. **Ponto de Vida**: cidadania de mulheres faveladas. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.



II - Artigos e Periódicos:

- 08 - DA MATTA, R. "Quanto Custa ser Índio no Brasil? Considerações sobre o problema da Identidade étnica". **Dados**, 13:33-53, 1976.
- 09 - FREIRE, P. "Professor Paulo Freire e os Educadores de Rua: tópicos da reunião realizada em Outubro/85". **Unicef-funabem/Sas** - Projeto Alternativas de Atendimento aos Meninos de Rua.
- 10 - SILVEIRA, L. F. B. "A Produção dos Signos numa Estrutura Social Antagônica". **Trans/Form/Ação**, 3: 81-90, 1980.
- 11 - _____. "Semiótica Peirceana e Produção Poética". **Trans/Form/Ação**, 6:13-23, 1983.
- 12 - _____. "Na Origem está o Signo". **Trans/Form/Ação**, 14: 45-52, 1991.
- 13 - THIBAUD, P. "La Notion Peircéenne d'Interprétant". **Dialectica**, 37, 01: 03-33, 1983.

III - Outros:

- 14 - **Normas para Publicações da Unesp** (Coordenadoria Geral de Bibliotecas e Editora da Unesp). São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994.
- 15 - **Projeto de Desfavelamento da Área Ocupada do Jardim Nacional**. APANSC - Associação dos Moradores dos Jardins Planalto, Amália, Nacional e Santa Clara. Marília: 1996.



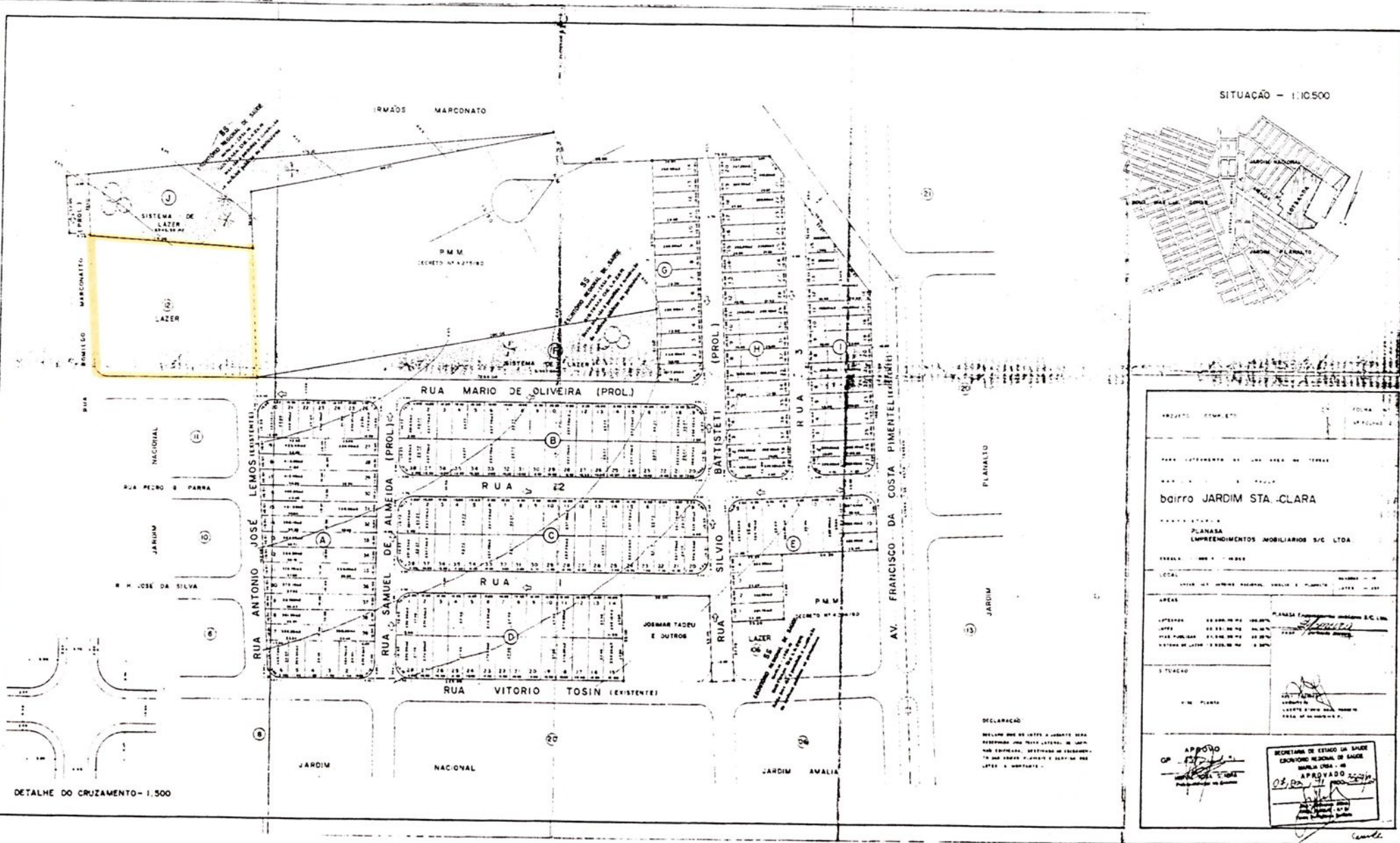
ANEXOS

ANEXO A - Planta do loteamento do Jardim Santa Clara.

ANEXO B - Planta atual dos Jardins Nacional e Santa Clara.

ANEXO C - Avaliação com psicóloga da conversa com o grupo de mulheres.



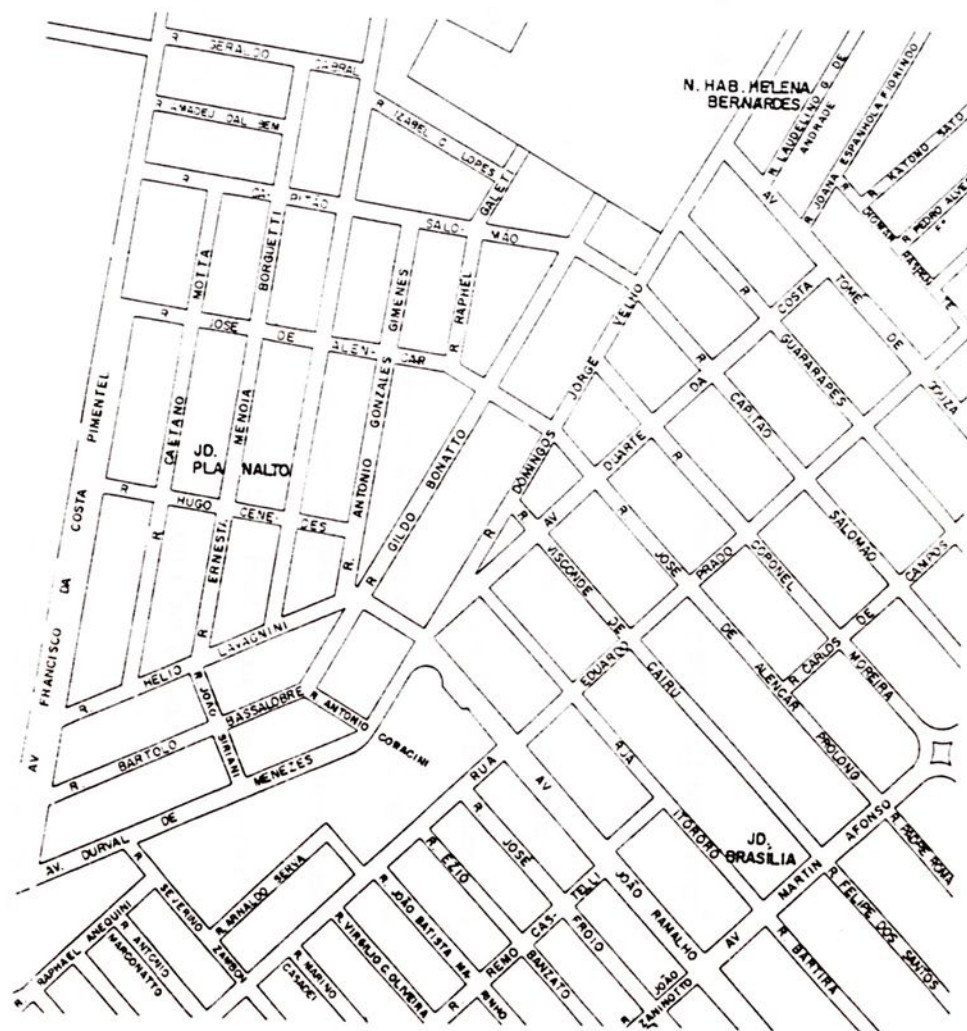
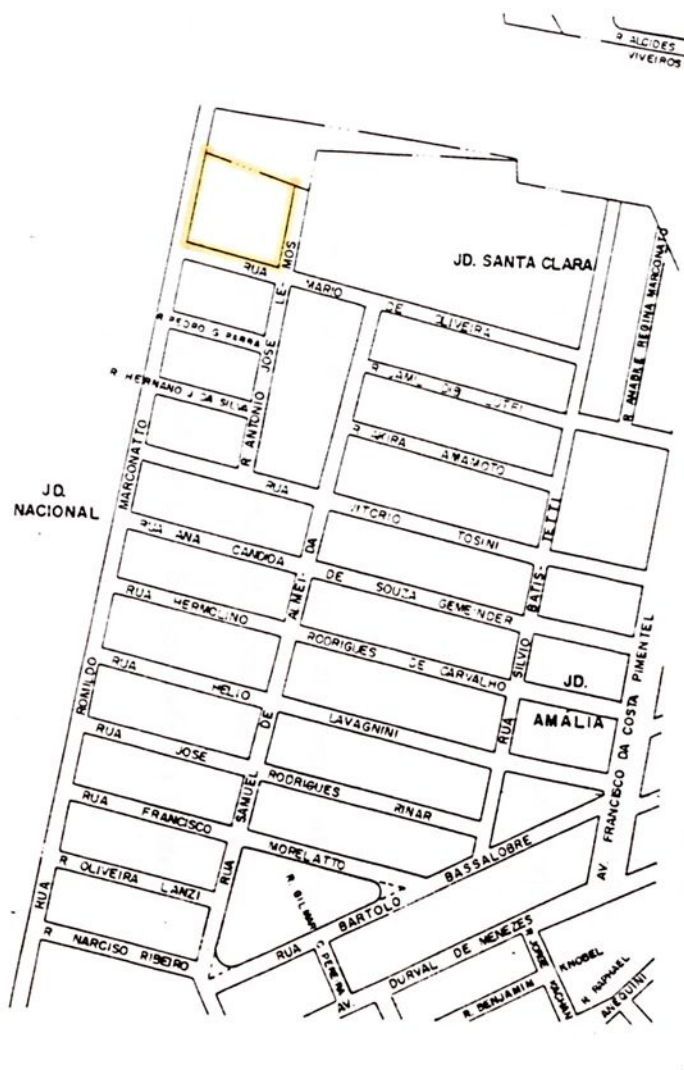


SITUAÇÃO - 1:10.500



PROJETO: 1000-070		FOLHA: 1	
PARTE LOTEAMENTO DE LUGAR DE TERRA			
MARILIA - SP			
bairro JARDIM STA. CLARA			
PLANO: 1			
EMPRESA: EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS S/C LTDA			
TERRA: 1000-070			
LOCAL: LUGAR DE TERRA NACIONAL, MARILIA - SP			
ÁREAS:		PLANO: 1	
LOTEAMENTO:	1000-070	ÁREA TOTAL:	1000-070
LOTES:	1000-070	ÁREA TOTAL:	1000-070
ÁREA TOTAL:	1000-070	ÁREA TOTAL:	1000-070
SITUAÇÃO:			
FIM: PLANTA			
APPROVO:		SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE	
OP: 1000-070		COORDENADOR REGIONAL DE SAÚDE	
1000-070		MARILIA - SP	
1000-070		1000-070	
1000-070		1000-070	

DECLARAÇÃO
NELLUM DIA DO LOTE E LOTEADO PARA
RECONSTRUÇÃO DO LOTE LOTEADO, DE LUGAR
NÃO EMPREGADO, DESTINADO AO LOTEAMENTO
TO DO LUGAR E LOTEADO E LOTEADO DO LOTE
LOTE E LOTEADO.



ANEXO C - Avaliação com psicóloga da conversa com o grupo de mulheres⁹⁶

A psicóloga, que se chama Cirene, também avaliou como positiva e muito boa a sua conversa com as mulheres. Sentiu que elas ficaram à vontade com sua presença e conversaram descontraidamente. Viu as muitas dificuldades e precariedades por que passam as mulheres. Comentou que não sabe até que ponto podemos resolver os problemas de lá. Elas é que têm que resolver seus problemas. Nosso papel é dar força, apoio, escutar (“ser ouvido”).

Comentou que todas são mães novas com muitos filhos. Disse que não conseguiu esconder seu espanto quando a Cida falou que tem 07 filhos⁹⁷. Disse que por isso elas têm uma maturidade, uma certa visão mais madura das coisas, até por conta da vida que levaram e levam. Elas têm consciência da vida medíocre que vivem.

Disse que elas têm noção do erro que cometeram: não se entendiam com os pais que lhes podavam a liberdade; aí, saíram de casa com o primeiro que apareceu para se libertar da tutela dos pais. Só agora vêm a “besteira que cometeram”, como disse a psicóloga.

⁹⁶ Cf. item 25 do capítulo III.

⁹⁷ A maioria delas é de procedência rural e casaram-se muito cedo: duas delas casaram-se com 12 anos, e a maioria das outras entre 15 e 17 anos de idade.



Presentemente, elas têm consciência de que poderiam ter feito as coisas de forma diferente. Fariam-no, então, diferente, mas já não é mais possível voltar atrás. Elas têm muitos recursos internos, até para conseguir sobreviver nessa situação, mas as circunstâncias não lhes permitem mudar de vida.

Cirene não sabe se isso ocorreu por falta de informação - eram adolescentes quando se casaram (amasiaram). Acredita que todos temos uma espécie de buraco dentro de nós que precisa ser preenchido. Para preenchê-lo alguns bebem, outros comem, outros caem num ativismo, outros se drogam etc. Talvez este seja um dos fatores que as tenha levado a buscar uma outra vida. Mas para sair de um buraco, caíram em outro.

Em sua opinião, haveria uma **tendência à repetição**: com suas mães também foi assim e assim está sendo com suas filhas. Seus filhos vão mal na escola e repetem de ano, abandonam a escola ou têm de deixar de estudar por causa do trabalho, e depois ficam esperando ter a idade suficiente para ir a um supletivo. É a mesma história de todas ali, e também de outros lugares, que se repete sempre.

Discutiu-se muito com as mulheres a situação problemática dos filhos. Elas reclamavam que não adianta bater e não sabem como fazer para educá-los. Cirene comentou que as crianças crescem e querem mandar nos pais. Estes



perdem o controle dos filhos, por exemplo dos horários. Mesmo porque, com tantos filhos, é difícil saber lidar com tantas idades e fases diferentes.

Além disso, na favela as crianças ficam meio que por sua própria conta, cada um por si. Desde cedo as crianças têm de aprender a se cuidar e até a cuidar de irmãos menores, porque os pais têm que trabalhar. Se a criança fica o dia inteiro sozinha em casa tendo que decidir “como se virar”, por que não pode decidir também outras coisas como o horário de sair e chegar. E isso, numa idade muito nova. Aí, os pais perdem a autoridade e não têm como pôr limites. E os pais percebem isso.

Cirene também comentou que não adianta bater. Na hora do nervosismo da criança, o melhor é segurá-la e esperar que se acalme. Com o tempo, a criança vai percebendo isso e mudando de atitude. Mesmo porque, bater é um desgaste tanto para os pais quanto para os filhos. A melhor coisa ainda é o diálogo. A prova é que elas batem nos filhos e não adianta nada.

Mas a Cirene também comentou que, apesar de tudo, as mulheres do grupo são alegres e humoradas. Durante a conversa elas brincaram e riram bastante. Talvez seja um mecanismo de defesa para sobreviver numa situação tão frustrante e opressora.



